

Stadium

Através de paisagens de sonho e de beleza, os ciclistas da «Volta a Portugal» seguem na sua marcha triunfal, que terá o seu epflogo no próximo domingo em Lisboa. Ei-los atravessando em fila indiana a ponte do Ródam.

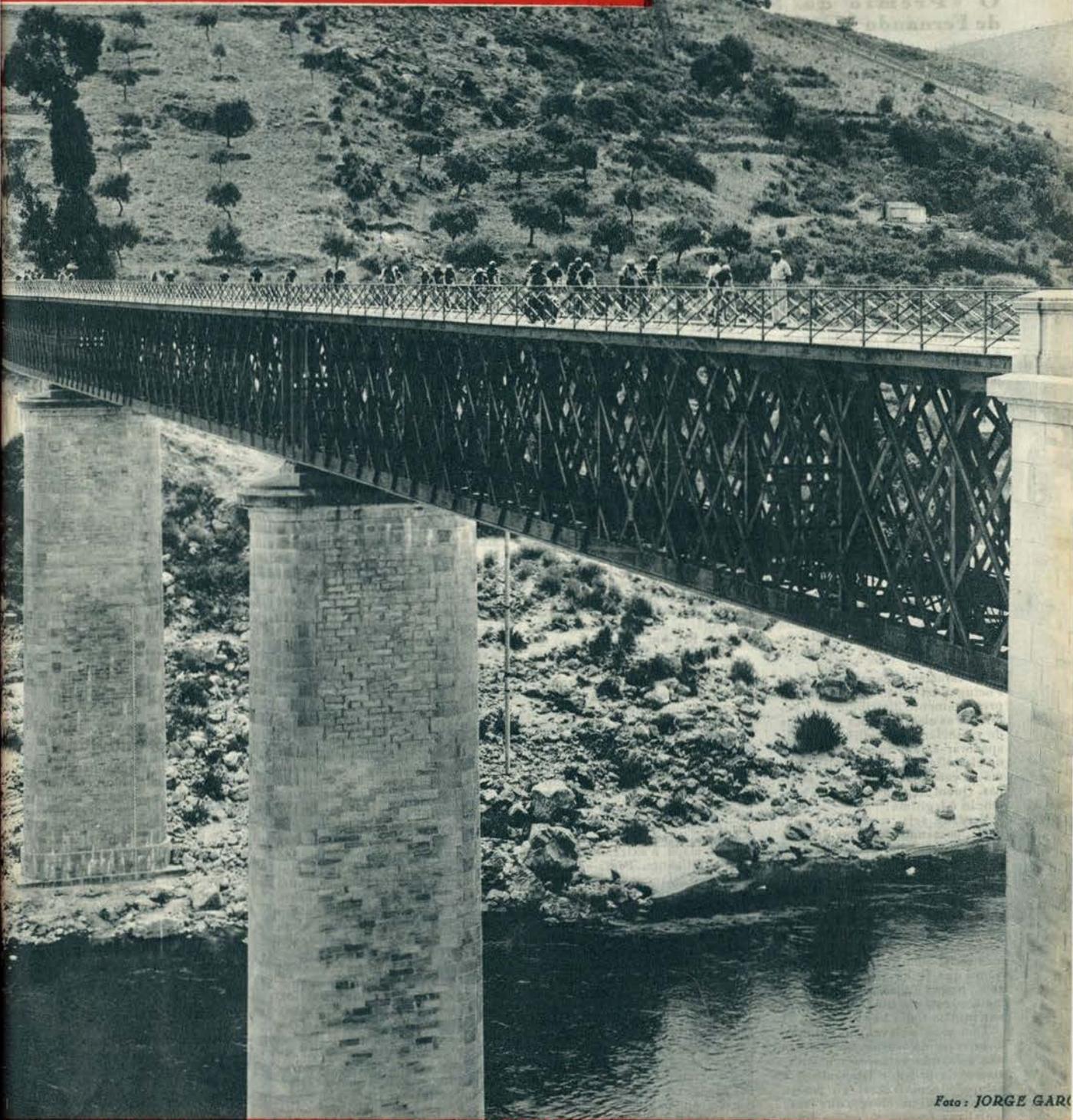


Foto: JORGE GARÇ

N.º 248

3 DE SETEMBRO DE 1947

REVISTA DESPORTIVA

2\$50

José Martins tem a camisola amarela bem agarrada ao peito

Registaram-se fugas audaciosas!

O «Prémio da Montanha» está na posse de Fernando Moreira, seguido de Custódio dos Reis

Ficámos na semana passada em Loulé e já passámos o Porto, começando dentro de pouco tempo a ingreme caminhada para Chaves, atravessando a bela região do Marão, propicia aos trepadores, para depois virarmos para Lisboa, na impressão de que, então, desceremos... Os ciclistas costumam dizer que o mais difícil é subir para o norte, e que depois tudo lhes parece mais fácil. Todos tem a impressão de que, depois do Porto, no regresso, nada acontecerá de notável. E a verdade é que bem podem enganar-se...

Em todas as etapas que deixámos para trás, com a alegria que se tem ao concluir-se aos poucos uma tarefa, cada corredor viveu a corrida à sua maneira e comportou-se na medida das suas possibilidades.

Os campeões são aqueles para os quais logicamente vão todas as atenções, havendo a tendência para engrandecer os seus feitos e porventura diminuir as suas fraquezas. Mas ninguém pode calcular, só quem uma vez andou na Volta, o esforço gigantesco dos homens da cauda, que, pela sua própria posição, e pela diferença de valor que os separam do lote da vanguarda, sofrem o que se chama a sede, a poeira e outros martírios muito mais desamparados do que os outros. Julgamos ser necessária a verdadeira tempera de um desportista, e isto nada tem com valor técnico, para se resistir a uma prova desta natureza.

As características desta Volta a Portugal tal como se encontram presentemente distribuídas os valores e as classificações são fáceis de enunciar. O Benfica pretende apoderar-se dos melhores postos, na classificação individual, e afirma-se categoricamente por equipas. Quem negará que a sua pretensão é legítima?

Verdade seja, nem se vê maneira, passando por cima do problema já resolvido da classificação por equipas, de lhe fugir o título individual, pois tem quatro homens à cabeça, e José Martins com um avanço considerável relativamente a Fernando Moreira, o corredor que se vê com mais fundo para desencadear um ataque em forma. Mas se tal acontecer, a guarda de honra que fecha a camisola amarela, numa posição estratégica melhor, está em condições de tornar inúteis todas as afloitasas.

Tem sido notável, no entanto, o esforço de vários corredores não deixando esmorecer o entusiasmo da prova, e lançando-se à galopada com frenesi no desejo de se afirmarem. Mesmo que essas tentativas fracassem, como foi o

caso de Jerónimo de Souto, a sua atitude arrebatada! Bem sabemos que semelhantes fugas são possíveis pela vigilância que os mais categorizados mantêm uns para os outros, não lhes interessando grandemente o que faça a arraia miuda... Seja como for, várias destas fugas dão à corrida um frémito de emoção. Compreende-se, evidentemente, que os ciclistas que tem uma vantagem na mão não a queiram arriscar, mas tal não deixa de proporcionar um pouco de monotonia. Porque, para atacar, poderosa e decisivamente, não há nenhuma equipa convenientemente organizada e disposta das forças necessárias.

Melhor do que outra ordem de considerações, breves resumos das jornadas auxiliaram a interpretação da grande prova ciclista que agita o meio e o país.

Loulé-Tavira — Em Faro passaram à frente Djillali, Aristides e Manuel Palmeira. Mas o pelotão recompôs-se facilmente. Os algavios forçaram o andamento, destacando-se Rolandino. A saída de Tavira, em Conceição, o marroquino Djillali isolou-se, conseguindo dez segundos de avanço. Transpondo sem perda de tempo numa passagem de nível, enquanto os outros esperavam, Djillali aumentou gradualmente o seu avanço, passando em primeiro lugar por todas as terras do percurso e cortando a meta no campo do Ginário de Tavira com bom avanço. Era um furacão!

Tavira-Evora. Foi uma etapa dura sob um sol escaldante e por entre nuvens de poeira. O ciclista Pinto Ribeiro e outros, indistintamente, comandaram o pelotão, durante certo tempo, mas a pedalada até Castro Marim pode dizer-se frouxa. Passam-se várias povoações, e nada de novo. Em Mertola, triunfos de Custódio e José Martins. Em Beja, posto de abastecimento, chegou em primeiro lugar Custódio dos Reis.

Ninguém se resolve a puxar, pois a etapa é extremamente árdua e fatigante. Passa-se Monte Trigo e S. Manços. Perto da meta, em Evora, num *sprint* Fernando Moreira ganhou a etapa em competição com Custódio dos Reis.

Evora-Castelo Branco. Logo à saída de Evora formou-se um pelotão de onze unidades na vanguarda. A caminho de Arraiolos já todos os ciclistas constituíam um único pelotão.

No Vimieiro passou em 1.º João Lourenço. A travessia de Estremoz é feita em grupo compacto. Veiros, Monforte, e nada de novo, Em Portalegre, para ganhar um prémio, Fernando Moreira destacou-se do pelotão, num *sprint* vigoroso. Recomeçada a corrida,

uma hora depois, deu-se uma queda de Fernando Sá, Alexandre Mendes e Rolandino Palmeiro, felizmente sem consequências de maior. Fuga de João Rebelo e boa perseguição de M. Rocha e Moreira. A fuga malograda-se em Castelo de Vide. Novas quedas, agora de Mourão, António Martins e José Ferreira.

Em Niza, Mourão tentou esgueirar-se, mas foi alcançado.

O algavio Manuel Palmeiro, ao descrever uma curva na descida do Rodão, feriu-se, foi conduzido ao hospital e desistiu. Na ascensão de Castelo Branco, o pelotão esfrangalhou-se. Max André foi o vencedor.

Castelo Branco-Gouveia. Os quilómetros até à Serra da Gardunha foram percorridos sem novidade. Em Alpedrinha comandava Djillali. Na subida, prémio da Montanha, ninguém descolou, apesar do forte ataque de Moreira, e Custódio dos Reis levou a melhor sobre Moreira. Na descida para o Fundão, a caravana fracionou-se, para, à saída da terra, voltar a agrupar-se. Em Covilhã, Fernando Moreira guiava o pelotão. Em Teixoso, um pouco mais à frente, seguiam atrasados Max André, Sá e Túlio Pereira. Na Região do Zêzere registava-se fraco andamento. Em Manteigas ganharam os prémios Fernando Moreira, Custódio dos Reis e José Martins.

Começa a nova subida, desta vez para Penhas Douradas. Surge a serra do Caramulo. No prémio da Montanha vence Fernando Moreira, seguido de Custódio dos Reis e Dias Santos.

Na descida para Gouveia, Fernando Moreira corta a meta em primeiro lugar. José Martins, a meio da descida partiu a bicicleta mas seguiu até à meta na de Guilherme Jacinto.

Gouveia-São Pedro do Sul. Um pelotão de quatro corredores adiantou-se logo: Moreira, Custódio, Império e Dias Santos. Por Vila Nova entra-se no distrito de Viseu. Marcha à cabeça um pelotão com José Martins. A caminho de Mangualde, os ciclistas apertam seguindo na vanguarda um grupo de doze corredores, à frente Custódio dos Reis. Na passagem, Império foi o primeiro.

Até Viseu, o pelotão mantém o ritmo. Não se verificam quaisquer alterações até S. Pedro do Sul, cortando a meta, mais uma vez em primeiro lugar o ciclista português Fernando Moreira.

S. Pedro do Sul-Porto. Na subida de Castro Darie formam-se vários pelotões, consoante o valor dos concorrentes. Já perto da vila, Jerónimo Souto intenta uma fuga e conquista o avanço

de 35 segundos; um hom começou a fugir, tendo caído, atrazatara-se. Mas os outros seguem em pelotão, com vários retalhos. Jerónimo Souto inicia, então, a sua formidável fuga. Em Lamego passa com 7 minutos e 30 segundos de avanço sobre o pelotão compacto, em que se destaca Custódio dos Reis. Entrando na Régua com dez minutos.

O ciclista do Académico passa em Caldas de Moledo e Vila José com o mesmo avanço, e em Marco de Canaveses havia ganho um quarto de hora.

Em Penafiel desenvolve-se a perseguição ao fugitivo, e os minutos de Souto vão diminuindo: 6 em Ballar, 4 em Valongo. Pouco depois, Jerónimo Souto é agarrado por um pelotão comandado por Rebelo, Moreira e Guilherme Jacinto.

Na estrada da circunvalação vêm-se milhares de pessoas que, no meio de grande entusiasmo, saudam especialmente Moreira e o delirio. Em S. Pedro da Cova, Guilherme Jacinto esgueira-se e entra isolado no estádio do Lima. Ao findar as três voltas surge Fernando Moreira, um pouco depois ultrapassado por cinco corredores.

Porto-Vila Real. Tirada bem disputada. Um pouco depois de Fomalcal, uma fuga de Santos Gonçalves resulta. Ele avança cada vez mais, mas o pelotão não se inquieta grandemente. Louve-se, porém, o esforço do corredor, que chega em 1.º lugar a Vila Real de Trás-os-Montes com um avanço de 5 m. e 49 s. sobre um pelotão de 18 corredores que cortam a meta com o mesmo tempo, classificando-se 2.º Moreira, 3.º Max André, 4.º Baltazar Rocha, 5.º Jorge Pereira e 6.º José Martins.

Manuel Meta

A cola «Dissolução de Borracha» — SDI — deve acompanhar todo o ciclista cuidadoso

Situação no Porto

Os melhores da classificação individual

José Martins o camisola amarela, 1.º classificado, com 42 h. 38 m. e 19 s., leva o seguinte avanço sobre os melhores classificados: 2.º João Rebelo, 1 m. 38; 3.º Império dos Santos, 8 m. 35; 4.º Júlio Mourão, 13 m. 58; 5.º Fernando Moreira, 14 m. 40; 6.º Custódio dos Reis, 16 m. 34; 7.º Manuel Rcha, 19 m.; 8.º Joaquim Apolo, 24 m. 7; 9.º Fernando de Sá, 24 m. 38; 10.º Guilherme Jacinto, 25 m. 49.

O ciclista no lugar de lanterna-encarnada tem de atraso 5 h. 47 m. 36 segundos.

Entre as equipas

A equipa do Benfica está firme no primeiro posto da classificação. Com 128 horas, 5 minutos e 30 segundos, tem de avanço o seguinte tempo:

Sobre o Porto, 1 h. 1 m. 54; sobre o Sporting, 1 h. 8 m. 9 s.; so-

bre o Louletano, 1 h. 44 m. e 27. Relativamente aos outros concorrentes o avanço é de mais de três horas.

O Prémio da Montanha foi ganho por Fernando Moreira

A quarta e última contagem para o Prémio da Montanha estava localizada na subida do Marão. Venceu Santos Gonçalves, seguido de Fernando Moreira e Custódio dos Reis.

Deste modo, a classificação final ficou assim estabelecida: 1.º Fernando Moreira 7 pontos, 2.º Custódio dos Reis 6, e 3.º João Rebelo e Santos Gonçalves. Mas é condição indispensável para este prémio a conclusão da prova.

13 desistências

Até ao Porto desistiram treze corredores:

Sporting — Aristides Martins e Eduardo Lopes.

Porto — Aniceto Bruno.

Cova da Piedade — João Nunes.

Beavista — Joaquim Mendes.

Ginásio de Tavira — Manuel Palmeira, José Palma, Inácio Ramos, José Cardoso e João Rosa Gomes.

Académico — Driss, Manuel Cardoso e Belmiro Correia.

Vencedores das etapas

1.ª etapa, no Estádio Alvalade, 15 voltas à pista, 6 quilómetros — **Eduardo Lopes (Sporting)**.

2.ª etapa, Cova da Piedade-Setúbal, 46 quilómetros, à média de 34,622 — **João Lourenço (Sporting)**.

3.ª etapa, Setúbal-Loulé, 258 quilómetros, à média de 33,362 — **José Martins (Benfica)**.

4.ª etapa, Loulé-Tavira, 95 quilómetros, à média de 38,223 — **Djillali (Académico)**.

5.ª etapa, Tavira-Evora, 235 quilómetros, à média de 26,981 — **Fernando Moreira (Porto)**.

6.ª etapa, Evora-Castelo Branco, 207 quilómetros, à média de 28,278 — **Max André (Sporting)**.

7.ª etapa, Castelo Branco-Gouveia, 153 quilómetros, à média de 28,756 — **Fernando Moreira (Porto)**.

8.ª etapa, Gouveia-S. Pedro do Sul, 79 quilómetros, à média de 41,009 — **Fernando Moreira (Porto)**.

9.ª etapa, S. Pedro do Sul-Porto, 207 quilómetros, à média horária de 30,745 — **Guilherme Jacinto (Benfica)**.

10.ª etapa, Porto-Vila Real, 144 quilómetros, à média de 32,977 — **Santos Gonçalves (Benfica)**.

Etapas que faltam

Dia 2, Vila Real-Chaves (contra-relógio) 68 quilómetros, e Chaves-Braga 143; dia 3, Braga-Póvoa de Varzim 138; dia 5, Póvoa-Sangalhos 124 e Sangalhos-Figueira da Foz 71; Dia 6, Figueira-Caldas da Rainha 135; die 7, Caldas-Lisboa 150.

Total a percorrer: 829 quilómetros. Amanhã é dia de repouso.

A época de futebol começou, em Lisboa, com a festa do guarda-redes benfiquense António Martins. Nos dois desafios que se disputaram no Campo Grande verificaram-se os seguintes resultados: Oriental 2-Atlético 0; Benfica 3-Sporting 1.

Os resultados interessam sempre, mesmo quando dão a impressão de não interessar... No entanto, desta vez, os números estão diluídos na preocupação dos clubes de experimentarem novos valores, e na circunstância dos *teams* não se encontrarem ainda em forma. Se o estivessem agora, qual seria o seu estado a meio ou no fim da época?

A maior parte dos espectadores saiu do Campo Grande, desiludida, quanto à qualidade do futebol e no que se refere ao valor dos novos elementos. Compreendemos perfeitamente o desejo da *aficção*, que quer ver sempre mais e melhor, mas não devemos pedir impossíveis.

Ora, em princípios de época, admite-se que os grupos ainda não tenham atingido a sua boa medida, e que os novos jogadores desconheçam o terreno que pisam.

Mas nem tudo foi mau! Viu-se meia hora de futebol regular, e alguns estreantes revelaram qualidades. Por outro lado, é preciso ter-se em conta que a adaptação num conjunto é difícil, e deverá desculpá-los ao jogador novo uma ou outra falta de ligação ou ainda a deficiência de domínio de bola em que intervêm, decididamente, o factor psicológico. Não é indiferente jogar-se em Lisboa, sob o exame de milhares de espectadores (todos a julgarem-se entendidos!) ou em outra qualquer parte do país.

Os clubes alinharam do seguinte modo para o primeiro encontro:

Oriental—Fernando, Cruz, Albano, Santos Silva, Isidoro, Armínio França, Augusto, Abrantes, Carlos França, Vicente e Moura.

Atlético—Ernesto, Baptista, José Manuel, Pereira, Lopes, Morais, Etevlino, Rosário, Vital, Guedes e Caninhas.

Arbitro — António Rodrigues dos Santos.

O Oriental fez os seus golos por intermédio de Vicente, aos 4 minutos da primeira parte; e aos

A Associação de Setúbal e as suas provas

A Associação de Futebol de Setúbal, num bem elaborado programa de provas a que dedicaremos oportunamente mais atenção, instituiu a «Taça Stadium» destinada às categorias reservas da Primeira Divisão distrital e das 1.^{as} categorias da Segunda Divisão distrital. Agrupamento por séries e «poule» final de apuramento do vencedor.

A prova começa em 14 de Março, e, pelo seu programa de provas, a Associação de Setúbal mostra que quer viver, desenvolver-se e aperfeiçoar os seus métodos com vista ao futebol.

COMEÇOU A ÉPOCA DA BOLA!

O futebol é o mais belo dos jogos desportivos

mas não tem graça quando praticado sem rapidês e em confusão

25 minutos da segunda, por Abrantes.

Se considerássemos apenas o domínio territorial—só o que importa para tanta gente que vai à bola!—diríamos que a vitória foi injusta. Rectificamos, no entanto, que o triunfo coube ao grupo que soube aproveitar melhor as oportunidades.

Nem deverá causar admiração, por não ser de hoje nem de ontem: um *team* avança, e carrega, mas não marca golos. Dir-se-à que a infelicidade o atinge... Certamente, assim acontecerá algumas vezes. Em outras, porém, isso acontece em virtude do *team* não ter sabido criar os lances claros de golo, aqueles que afastam na medida do possível a ideia da infelicidade...

O Oriental, verdade seja, actuou como um bloco, numa demonstração de que ha escola clubista. Com uma virtude: a de substituir, na segunda parte, cinco unidades e conservar a mesma ligação. O onze soube defender-se e não perdeu o sentido de ataque. Não o perdeu nunca. A prova está em que, fazendo menos avançadas que o seu adversário, marcou duas bolas, limpas, e sem apelação.

Também os atléticos não devem ter ficado desiludidos com os seus novos elementos. Vital e Caninhas, os homens do Montijo, eis dois jogadores em que se deve fixar a atenção. Eles não marcaram nenhuma bola. Mas aqui estão dois homens que rematam bem, dando a impressão por vezes de que o fazem mal...

O Benfica alinhou inicialmente com Martins, Cerqueira, Fernandes, Jacinto, Moreira, Xico Ferreira, Espírito Santo, Arsénio, Júlio, Corona e Vitor Baptista.

Sporting — Azevedo, Leandro, Manuel Marques, Juvenal, Canário, Veríssimo, Jesus Correia, Armando Ferreira, Sidónio, Ibrahim e Martins.

Arbitro — Carlos Canuto.

Aos 23 minutos, Corona marcou a primeira bola do Benfica. Depois, à meia hora, com a saída de Martins, os grupos modificaram o seu alinhamento.

Para o Benfica entraram: Rogério, de Viana do Castelo, por Martins; António Maria, por Fernandes, Felix por Xico, Vieira por Moreira, Calado por Espírito Santo, Conceição por Júlio, e Felisberto, do Torreense, por Vitor Baptista.

No Sporting deram-se igualmente muitas alterações: Ismael por Leandro, Mateus por Veríssimo, Cruz por Martins, Lampreia por Manuel Marques, Cordeiro

por Jesus Correia, e Soeiro por Juvenal; e Orlando por Azevedo. O Sporting ainda utilizou os serviços de Gonzaga e Florêncio.

O Sporting marcou a sua bola aos 35 minutos, num aproveitamento oportuno de Jesus Correia; e o Benfica fez o segundo golo, aos 40 minutos, num lance de Vitor Baptista e o 3.º, na segunda parte, aos 11 minutos, em remate de Melão.

Divida-se, para boa arrumação, esta partida, em duas partes: a da primeira parte, de futebol a sério; e o tempo restante, de modificações e experiências.

No primeiro período assistimos a boas fases, movimentando-se regularmente ambas as equipas, especialmente a do Benfica, que, ligeira e rápida, de penetração a revelar treinos regulares, pôs em dificuldade o seu adversário.

Toda a equipa benfiquense ligava bem os seus esforços, numa desenvoltura e certeza que dava gosto! Contribuiu para isso o rendimento de Corona, mas todos os elementos baixaram o jogo e colocaram-se no devido lugar, de forma a captarem a bola lançada pelos médios e a facilitarem o trabalho destes.

Depois das alterações — tudo mudou! E para não se fugir à regra viram-se estas coisas: corridas desordenadas, falhanços provenientes de falta de classe, violências intencional e inúmeras deficiências de conjunto.

O futebol, para nós, é o jogo desportivo mais belo do mundo. Quando praticado abaixo do *nível aceitável* transforma-se no entanto em sensoria. Tivemos a impressão de que, no passado domingo, todos os adeptos tinham em mente a seguinte ideia: — Quando acabará isto? Era, verdadeiramente, um Benfica-Sporting falso!

Tavares da Silva

Ano V — II Série — N.º 248
Lisboa, 3 de Setembro de 1947

Stadium
REVISTA DESPORTIVA

REDACÇÃO E ADMINISTRAÇÃO
Travessa Cidadão João Gonçalves, 19, 3.º
Telefone, 45903 - LISBOA

Director e Editor: DR. GUILHERMINO DE MATOS
Chefe da Redacção: TAVARES DA SILVA

Propriedade de
SOCIEDADE DE REVISTAS GRÁFICAS, LIMITADA

NEOGRVURA, LIMITADA
SILVAS, LIMITADA

Visado pela Comissão de Censura

05.º PORTUGAL-ESPAÑA em NATAÇÃO



Os componentes da equipa espanhola de natação pura e «water-polo» que disputaram o V encontro Portugal-Espanha com muito brilho



Os concorrentes à prova de 1.500 metros-livres. Da esquerda para a direita: Belmiro Santos, Manolo Martínez — brilhante vencedor — José da Silva e Santiago Esteve



Os magníficos «sprinters» que disputaram a corrida de 100 metros-livres. Da esquerda para a direita: Guilherme Patrone, Mário Simas, Perez e Senra



Os grupos de «water-polo» dos dois países peninsulares que sustentaram animado e emotivo prélio. Venceu a Espanha por 5-4

COMPUSERAM-SE os fados para que o V encontro Portugal-Espanha em natação e «water-polo» tivesse o cenário que lhe estava naturalmente indicado: o estádio náutico do Sport Algés e Dafundo, o melhor da Península.

Anallando o certame no seu conjunto, somos forçados a reconhecer que ele reflecte, com fidelidade, as características da natação dos dois países peninsulares.

Triunfamos em duas provas, mas, caso bem sintomático, por intermédio do mesmo nadador.

E enquanto — especialmente por falta de piscinas — se mantiverem as características actuais da natação portuguesa, não podemos pensar em sair vitoriosos do encontro com os nossos vizinhos.

Simas e Patrone — os melhores «sprinters» ibéricos

A prova clássica de velocidade para rodeava-se de natural expectativa. A luta previa-se renhida e, além disso, tratava-se da corrida em que os portugueses se apresentavam com mais possibilidades. E, com efeito, poucas vezes a luta desportiva terá atingido tão elevado grau de beleza espectacular. Poucas vezes os nadadores lusitanos terão triunfado com tanta justiça, fazendo alarde de classe excepcional.

Mário Simas, mais uma vez demonstrou ser o mais veloz nadador ibérico, triunfando com autoridade absoluta, patenteando com exuberância notável as suas invulgares qualidades de nadador de indiscutível craveira internacional.

Ao cabo de uma prova arrebatadora, conduzida dentro das suas características habituais, verificou-se a marca notável de 1m. 01,4 s.

Guilherme Patrone correspondeu em absoluto ao que dele se esperava, arrancando um hontosíssimo segundo lugar, com uma prova impressionante, em que foi o admirável estilista de sempre. Patrone não tem, hoje, em Espanha, quem o vença, e nisto vai, gem dúbida, o seu melhor elogio. «Tempo» 1m. 03,2 s.

Os espanhóis Perez (1 m. 03,3 s.) e Senra (1 m. 04,4 s.) são nadadores de valor, impressionaram bem, mas não «chegaram» para o classe dos nossos campeões. Perez, especialmente, teve uns excelentes 35 metros finais, em que reduziu sensivelmente a distância de Guilherme Patrone. Portugal somou, nesta prova o máximo

da pontuação, 8 pontos, contra 3 da Espanha.

A regularidade de Manolo Martínez e o belo esforço de José da Silva

Bastante curioso, agradável de seguir e, sobretudo, fora da habitual monotonia, esta prova de 1.500 metros-livres, em que os nadadores do país vizinho marcaram a sua esperada superioridade. A corrida teve, no entanto, interesse apreciável, merço de um bom conjunto de circunstâncias.

O «veterano» Manolo Martínez, recordista espanhol da distância, foi o vencedor indiscutível, após ter conduzido a prova de princípio a fim, com impressionante regularidade, demonstrando claramente as vantagens de um «crawl» excellentemente mecanizado.

Manolo Martínez teve, na «oclesse» do seu «estilo» e na regularidade do seu ritmo, a suas características fundamentais. É um nadador de boa classe, que nos habituamos a admirar desde a sua primeira visita a Portugal, em 1935.

Embora em pior «tempo» que o obtido o ano passado, em Tenerife, Manolo Martínez triunfou com absoluta autoridade em 21 m. 52,4 s. Além disso, tirando bom partido das «viragens», conduziu a prova com inteligência, como o demonstram alguns dos seus «tempos»: intermédios: 100 metros — 1 m. 15 s.; 200 — 2 m. 39 s.; 300 — 4 m. 11 s.; 500 — 7 m. 7 s.; 800 — 11 m. 34 s.; 1.000 14 m. 34 s.

O catalão Santiago Esteve, internacional pela primeira vez, obteve merecido segundo lugar. É, também, um nadador de boa categoria, tirando excelente rendimento do seu trabalho de braços. Caracteriza-o, fundamentalmente, uma braçada ampla e produtiva. Marca: 22 m. 11,8 s.

O madeirense José da Silva, embora sem pretensões, merece os melhores elogios. Foi, acima de tudo, um atleta punidoroso, cheio de energia e de vontade.

Supriu, com esforço físico generoso, o que lhe falta em técnica e táctica. E obteve, para o nosso meio, agora em crise de nadadores de meio-fundo, um excelente resultado: 22 m. 41,8 s., com a nota agradável de ter batido, na passagem aos 1.000 metros, o respectivo recorde, agora fixado em 14 m. 57,3 s.

O «tempo» final de 22 m. 41,8 s. demonstra sensível progresso, se o compararmos com o obtido em Espinho, três semanas antes: 25 m. 5,9 s.

Belmiro Santos, de novo em crise, fez prova à parte, terminando muito atrasado, em 24 m. 50,2 s. E lembrarmo-nos que obteve o ano passado, em Tenerife, 21 m. 56,3 s.

Apenas por uma questão de curiosidade, e para que o leitor faça o juízo que entender, mencionamos o recorde de Portugal da distância, tenença de Baptista Pereira: 21 m. 25 s. (9-9-45).

Com esta prova a pontuação nivelou-se: Portugal, 11 pontos; Espanha, 11 pontos.

ABREU TORRES

(Continua na pág. 12)



Simas e Patrone depois de terem sustentado empolgante duelo nos 100 metros-costas, que o primeiro venceu brilhantemente

ARCADIA

O DANCING N.º 1 DA CAPITAL

apresenta um friso de atracções

Internacionais, com

TRIO BOVES-AGRAZ

ATLANTIDA

LITA-ANHEL

MARY-MELY

ROSITA ARENAS

ASSUNCION ALBENIZ

MABEL VALENCIA

LAS 3 DANIAS

Abertura às 22 horas

O SPORTING CLUBE DE BRAGA

na Divisão Maior



Não é isso que eu quero que se faça!, diz Alberto Augusto num momento do treino...

«Ascendemos à Divisão dos «grandes» porque, trabalhando com persistência, adquirimos o indispensável valor técnico para ver realizada a mais velha e justa aspiração dos desportistas bracarense», diz-nos o treinador e antigo internacional Alberto Augusto.

O Sporting de Braga, clube de nobres tradições, tem um passado desportivo que é algo de grandioso ao serviço da terra que lhe deu o nome.

O clube rabro-branco tem atravessado, nos seus 28 anos de existência, épocas de grandeza e desafio. Outras, todavia, têm surgido que, merecendo de passagem crises, têm sido uma autêntica tormenta para aqueles que, submetendo-se a todos os sacrifícios, se vêm dedicando ao clube com verdadeira devoção e desportivismo. A actual direcção do Sporting de Braga, exceptuando alguns elementos mais novos, tomou conta dos destinos da colectividade num momento em que tudo parecia condenado a desmembrar-se. A tarefa seria árdua e ingrata, mas a intensa dedicação ao Sporting e a Braga, manifestada por pessoas que tanto viriam a realizar com absoluto desinteresse pessoal, foi o alicerce seguro dum futuro mais risonho para quantos tinham os olhos postos na sua obra. O trabalho fez-se com método e ordem. E o progresso iniciou-se, e muito bem, com a aquisição dum bom treinador. Alberto Augusto há muito que era desejado em Braga e foi assim que, depois da sua partida para Gaimarães, onde permaneceu 10 épocas seguidas, voltou ao seu antigo clube.

Alberto Augusto não carece de apresentação, pois o seu nome correu mudo como jogador extraordinário, que a um «virtuosismo» invulgar, reunia a vantagem de ser um latador intemerato, na opinião do antigo seleccionador nacional Cândido de Oliveira. Os seus «pés», maravilhosos, operaram prodígios nos campos de futebol de Portugal, Espanha, Brasil e Argentina. A sua «astúcia» levou-o a bater o melhor guarda-redes espanhol

de todos os tempos, Ricardo Zamora. Finalmente, um nunca acabar de predicações que nascem com o praticante e não se adquirem com ensinamentos, colocaram Alberto Augusto no pedestal de glória dos grandes jogadores de ontem e de sempre.

Mas as qualidades do que foi grande como jogador não desapareceram à medida que lhe foram caindo os cabelos... Alberto Augusto tendo sido grande jogador no seu tempo, impõe-se também hoje como treinador. A sua obra é, sem a mais ligeira fantasia, uma realidade que se não pode esconder. Levou dois clubes provincianos à Primeira Divisão; via um clube que treinava jogar a final da Taça de Portugal; o Vitória de Gaimarães conquistou o Campeonato de Braga durante as 10 épocas que o teve como treinador; e o que mais se poderia anunciar para se poder fazer um juízo claro do actual treinador do Sporting de Braga. Ocorre-nos agora transcrever uma passagem da crónica do autorizado crítico Ribeiro dos Reis, escrita em 1943, no «Diário de Lisboa», referindo-se a Alberto Augusto:

«Não frequentou cursos de treinadores e não lê livros estrangeiros. O que ensina aprendeu-o à sua custa, vendo executar e executando. Teve contacto com vários grupos estran-



Uma fase de desafio-treino. A assistência segue interessadamente a lula, embora esta seja amiga...

geiros que nos visitaram e completamente depois os seus conhecimentos e a sua experiência, na estadia que fez no Brasil, pois o futebol sul-americano é rico de ensinamentos».

O trabalho que Alberto Augusto vem fazendo e o coloca, sem favor, no lote dos nossos melhores treinadores, despertou em nós interesse especial e a curiosidade daí resultante de o entrevistar... Fomos por isso

assistir a um, nos últimos dias, e quando avistámos o popularíssimo Alberto estava ele atarefado com os preparativos do trabalho que iniciaria daí a momentos. Só no intervalo do treino lhe fizemos sentir os nossos desejos pelo que a resposta se não fez demorar.

— Pouco lhe posso dizer, meu amigo. Como vê, trabalha-se para que na próxima temporada o Sporting de Braga, conquiste, no Nacional da Primeira Divisão, o lugar que merece. Não conquistará, estou certo, os lugares da vanguarda, mas creio que apresentarei um grupo que ficará livre do penúltimo... Disponho de bons jogadores e eles, no campo das realidades, se encarregarão de lutar com mais clareza do que lhe poderia eu falar agora. Devo, todavia, acrescentar-lhe que conto inteiramente com eles.

Mudando o rumo à conversa abordámos um assunto que gostaríamos de conhecer: como veio o Alberto Augusto de novo para Braga?

— Depois de ter permanecido dez anos no Vitória de Gaimarães, voltei ao Sporting, em face da persistência com que o sr. José Antunes Gaimarães me incitou a regressar. A ele se deve a minha presença em Braga e se tal deslocação trouxe para o clube quaisquer benefícios, sejam todas as honras para o dirigente que, pelo Sporting, tem recebido desgostos de toda a espécie... O que não resta dúvida é que desses desgostos e arrelhas muito tem beneficiado o clube e a própria cidade, para os quais sempre tem trabalhado com absoluto desinteresse. E' bem digno, o sr. Antunes Gaimarães, da gratidão de todos os desportistas de Braga.

— Recebeu com agrado o título de Campeão da 2.ª Divisão?

— A nossa vitória não podia deixar de ser recebida com aquele entusiasmo e comoção com que se obtem qualquer coisa que dá muito trabalho a conquistar. O título assenta-nos bem e foi merecido, pois, para atingirmos a meta final trilhamos por caminhos semeados de verdadeiros espinhos... Devo ainda acrescentar que este título me honra especialmente por ser o primeiro, com carácter nacional, que é conquistado por um clube da A. F. de Braga, sob cuja jurisdição venho actuando nos últimos 20 anos. Concretizando, posso afirmar-lhe que ascendemos à Divisão dos «grandes» porque, trabalhando com persistência, adquirimos o indispensável valor técnico para ver realizada a mais velha e justa aspiração dos desportistas bracarense. O prémio para estes é bem merecido, pois a recepção feita aos jogadores no regresso da jornada do Montijo atingiu o

máximo daquilo que seria de esperar. Foi, mesmo, a maior manifestação desportiva a que assisti em toda a minha carreira.

A conversa teve que ser interrompida, pois os jogadores haviam voltado ao campo e o treino tinha que recomeçar. Esperamos por isso pelo final e enquanto os jogadores davem os pontapés de ensaio fotografámos Alberto



Alberto Augusto explica aos «seus juniores» como deve ser passada uma bola...

Augusto quando este dava uma ordem, explicava a maneira de passar uma bola, etc. Terminado o treino pedimos de novo a sua atenção e o Alberto — um camarão — já estava pronto a falar:

— Dentro de alguns minutos vai começar o treino dos juniores. Sem reclames na imprensa, o Sporting de Braga tem, já há duas épocas, uma autêntica escola de jogadores. Duas equipas têm disputado o campeonato regional e a equipa A que venceu o torneio na época linda, foi nos 1/4 de final do Campeonato Nacional, depois de vencer o Campeão de Aveiro. Foi eliminado num jogo com o F. C. do Porto quando podia ter ido à final, pois, salvo o devido respeito e admiração pelos atletas portuenses, jogamos mais e melhor no Estádio de Lamego.

Alberto Augusto olhou para o campo onde estavam já os «novos» à espera da sua lição. Adivinhámos-lhe os desejos e libertámos-lo imediatamente, pois sabemos quanto ele quer aos «seus juniores». Oxalá a lição do mestre fique bem gravada na memória desses rapazes modestos que bem podem ser os ídolos da amanhã. Que bom seria para eles, para o seu Sporting e, até, para o Desporto Nacional!

Benigno Cruz

A VIDA DESPORTIVA POR ESSE MUNDO

FUTEBOL

EM INGLATERRA

Principiou, debaixo de uma temperatura tropical, o campeonato de Inglaterra de futebol da época de 1947-48.

Mais de um milhão de espectadores passaram pelos torneios dos portões de acesso, registando-se a enchente maior no Estádio de Highbury (62 000 pessoas) para presenciar a vitória do Arsenal sobre Sunderland por 3 bolas a 1.

Os principais resultados das duas primeiras Ligas, na tarde de sábado, foram os seguintes:

1.ª Liga: — Arsenal 3, Sunderland 1, Blackburn 2, Everton 3; Blackpool 3, Chelsea 0; Bolton 0, Stoke 1; Charlton 4, Sheffield Utd. 0; Derby 0, Huddersfield 0; Grimsby 3, Aston Villa 0; Liverpool 3, Preston 1; Manchester City 4, Wolverhampton 3; Middlesbrough 2, Manchester Utd. 2; Portsmouth 0, Burnley 1.

2.ª Liga: — Birmingham 2, Barnsley 3; Bradford 4, West Ham 1; Cardiff 0, Chesterfield 0; Coventry 4, Luton 1; Doncaster 1, Southampton 1; Fulham 5, Brentford 0; Leeds 3, Leicester 1; Newcastle 6, Plymouth 1; Nottm. Forest 2, Bury 1; Sheffield Wed 3, Millwall 2; W. B. Albion 1, Tottenham 0.

A nota sensacional do dia consiste na ruptura de relações, pública, entre o famoso avançado-centro, Lawton, e o seu clube, Chelsea. Já se sabia que andavam desavindos, mas não se esperava que a notícia viesse a lume, pela primeira vez, nas colunas de um jornal em artigo assinado pelo próprio futebolista!

Mattews apareceu no Blackpool, inaugurando a época, e Billy Steel, o interior-esquerdo-maravilha, do Derby County, não ajudou o seu clube a desfazer o empate com o Huddersfield.

Os rivais de Lawton, Mortensen (Blackpool) e Stubbins (Liverpool) marcaram tentos na estreia. O Burnley, jogando fora de casa, manifestou a sua grande classe e venceu pela diferença mínima. O Manchester City, outro promovido, também revelou a sua força batendo o sempre difícil Wolverhampton Wanderers, que aliás jogou com pouca calma.

EM FRANÇA

Principiou, igualmente, o campeonato da Liga Nacional Francesa que compreende 18 clubes, três dos quais pertencem a Paris (Racing C., Stade Français e Red Star).

Abriu a época o jogo em que Lille venceu o Racing C. Paris (4-1) na presença de 18.000 espectadores.

O Stade Français empatou com

NOTA DA SEMANA

Num aprazível rincão provinciano de Navarra, Espanha, que dá pelo nome de Urdiaín, vive um leão autêntico, mas sem juba nem outros atributos do rei da selva. Trata-se de Javier Ochoa, aquele lutador famoso que Lisboa viu noutras eras e a quem, agora, a Federação espanhola de greco-romana, atendendo aos sessenta invernos já passados por cima da sua carcassa, tem poucos desejos de conceder uma autorização para recomposição de actividades.

Todavia, o héracles, que em vinte e cinco anos de fecundas campanhas pelos ringues das cinco partidas do globo jamais vendeu a derrota — caso raríssimo, digno do maior dos apreços — não se conforma com a sua forçada inactividade.

O seu pundonor desportivo e as suas energias indomáveis mantêm-se íntegros, como no tempo em que lhe puseram o cognome de Leão Navarro.

Sabendo existir á face da terra outro senhor, chamado Grau, lutador como ele, ambicioso — que o reptou — veiu a terriro ripostar-lhe nos termos mais claros, salientando que a Ochoa ninguém reptia porque o Leão é que condescende na escolha da sua última!

Caramba! O velho héracles navarrese, passando de desafiado a desafiante, propoz-se lutar com Grau em greco-romana ou livre, com espectadores ou á porta-fechada, e sem licença das autoridades ou com ela.

Aqui está um homem excepcional, capaz, pelo seu gesto, de ressurgir, como das cinzas, uma fenix desacreditada por completo, como é a luta. Meia dúzia de Ochoas punham-na de pé num ápice, mas são escassos e vivem dispersos. Infelizmente!

R. B.

Socbaux, que veio da 2.ª Divisão (2-2) e o Red Star deslocou-se á provincia para ganhar ao F. C. de Sète (2-1). Os outros resultados da 1.ª Divisão foram os que se seguem:

Roubaix-Cannes, 3-1; Reims-Nancy, 5-0; Strasburgo-Alés, 2-0; Marselha-Toulouse, 3-2; St. Etienne-Rennes, 3-1; Metz-Montpellier, 1-0.

NA ARGENTINA

Após a 3.ª Jornada da 2.ª Volta do campeonato argentino, cujo desafio sensacional se disputou entre o primeiro classificado, River Plate, e o Boca Juniores, a posição dos clubes ficou a seguinte:

1.º River Plate (29 pts.) 2.º Independiente (28); 3.º Boca Juniores (27); 4.º San Lorenzo (24).

O jogo entre os milionários e os boqueses congregou 50.000 pessoas, atingindo a receita 106.000 pesos, o máximo jamais arrecadado num único desafio.

Hungria venceu Albânia

O desafio entre os grupos representativos destas duas nações efectuou-se em Budapeste durante a última semana do mês findo.

A Albânia obtivera um notável triunfo recentemente, conquistando o campeonato balcânico, mas desta feita sucumbiu ante a técnica dos magiares por 3 bolas a zero.

ATLETISMO

Os americanos na Escandinávia

Em Goteborg (Suécia) efectuou-se um torneio de atletismo com a participação de vários atletas americanos, franceses e suecos. Os principais resultados foram os seguintes:

100 metros: Harry Dillard (10,4 s.); 400 metros: Guida (48,2 s.); 800 metros: Liljeqvist, sueco, (1 m. 52 s.); milha: Bergqvist, sueco, (4 m. 8,8 s.); salto em altura, Vessie (2 metros); lançamento do disco: Fortunio Gordien (50,33 metros); lançamento do martelo, Eriksson, sueco, (54,66 m-tros); 110 metros-barreiras: Dillard (14,3 segundos).

Os vencedores cuja nacionalidade não vai designada são americanos. Notem-se os tempos fenomenais do preto Dillard e os resultados do disco, martelo e altura.

BOXE

Willie Pep continua campeão do Mundo

O americano William Pep, detentor do título de campeão do mundo dos «meio-leves», demonstrou novamente que não tem rival na sua categoria. Oposto a Jack Leslie, classificado como um dos cinco rivais mais perigosos, dominou-o desde o primeiro assalto e acabou por despachá-lo ao 12.º round por *kno-kout*.

Pep, cujo verdadeiro nome é Papaleo, descende de italianos. Desde que principiou a jogar o boxe só foi vencido uma vez, e por pontos, pelo campeão dos leves, Sammy Angott. Em 117 combates obteve quarenta triunfos por K-O e 76 por pontos. Depois de Joe Louis é o campeão de maior quilate que existe.

Breves notícias

Bruce Woodcock, campeão de Inglaterra de todas as categorias, deve combater com o sueco Olle Tandberg, para o campeonato da Europa, antes do fim deste ano.

Fleceu em Los Angeles, com 45 anos de idade, o antigo pugilista negro Georges Godfrey, que de 1929 a 1931, foi a maior ameaça ao título supremo de boxe.

Godfrey era tão temível que nenhum adversário notório quis lutar com ele, exceptuando Paulino Uzdudun, aliás derrotado nesse combate. A míngua de recursos tornou-se lutador profissional e acabou os seus dias na miséria.

Charlie Fusari, um dos mais prometedores jogadores pugilistas «semi-médios» do momento venceu Joe de Martino, antigo adversário de Cerdan e Marty Servo.

CICLISMO

Bartali ganhou a Volta à Suíça

O ciclista italiano Gino Bartali triunfou na Volta à Suíça, conforme se podia prever desde a primeira etapa, ganhando igualmente o Prémio da Montanha. Em segunda posição, a 21 minutos e 16 segundos, classificou-se outro italiano, Bresci; em terceiro lugar ficou o belga Ockers, seguido do suíço Kubler e de Fausto Coppi, outro «ás» do pedal transalpino.

TÉNIS

Os campeonatos americanos (pares)

Effectuaram-se nas reputadas pistas de Chestnut Hill (Massachusetts) os campeonatos americanos de pares (masculinos e femininos).

O triunfo coube, respectivamente, a Jack Kramer e Ted Schroeder (vencedores, na final, de Talbert e Sidwell por 6/3, 7/5 e 6/3) e às senhoras Margarida Osborne e Luisa Brough (vitoriosas de Misses Doris Hart e Patricia Todd, por 5/7, 6/3 e 7/6).

O campeonato singular, tanto para homens como senhoras, principiará ainda nesta primeira semana de Setembro.

assinem a STADIUM

Stadium

Página de TOUROS

RECORDANDO "MANOLETE" NA DESGRAÇA DA SUA MORTE

Às 21 horas do dia 28 a Agência Efe telefonava-nos que Manolete tinha sido colhido por um touro de Miura em Linares e que o seu estado era desesperado. Comunicámos a notícia aos jornais portugueses e delatámo-nos com a esperança de que «Manolete» se salvaria, como Pepla ainda há poucos dias, tanto mais que força já chamado o dr. Gimenez Guisaca, salvador daquele e de tantos toureiros.

Às 6 horas da madrugada o telefone voltava a soar, despertando-nos sobressaltos. Era Manuel Casero para nos dar a notícia da morte do seu amigo, tres quartos de hora antes. Não voltámos a conciliar o sono, tal como no dia 16 de Maio de 1920, há 27 anos quando da morte de «Jossilto», que devíamos ver no dia seguinte em Badajoz. Também agora tínhamos projectado com o director desta revista ir a Mérida ver «Manolete», que com ele se fotografou na Corunha quando ali se jogou contra a Espanha. Telefonámos a Tavares da Silva, e nós próprios ficámos pensando o que iríamos agora fazer em Madrid, onde projectávamos assistir às tres corridas da despedida de Manolete, a 18, 21 e 25 de Setembro.

Quem escreve de touros há quase meio século, e já assistiu a muitas desgraças assim, não se deve surpreender com aquilo que afinal é quase natural na arisca vida dum toureiro sempre em jogo com a morte. Mas a morte dum toureiro assim tão grande é sempre uma surpresa, e triste, desconcertante apesar de esperada. Sente-se que se abre o vácuo, que nos vai faltar o interesse para ver corridas de touros em algum tempo. Lembramo-nos dum par de toureiros mais amigos, os dois Pepe Vazquez, e sentimos a ânsia de lhes aconselhar que se retirem com o dinheiro que já têm. Ah! Se Manolete se tivesse retirado com os 40 milhões que já possuía, que agradável seria a sua vida e com que prazer o encontraríamos por essas feiras de Espanha, ele e nós a vermos corridas!

«El Monstro» lhe chamou K-Hito comparando-o, pela sua grandeza como toureiro, ao fecundo dramaturgo Lope de Vega. E, se em verdade não atentámos nele quando pela primeira vez foi a um «tentadero» em «Cordoba-la-Vieja», onde vivíamos então com Antonio Cañero, lembra-nos de o ver em Cordova, «la Eliana», sendo ele ainda um garoto e estudando nos Salesianos. Apon-tou-o «Guerrilla», dizendo ser filho daquele Manolete que acabou matando touros com óculos porque sofria da vista e esteve quase cego. Por isso não nos admirámos quando depois o vimos usar negros óculos, como os que todos os toureiros depois deram em usar também, julgando que isso bastaria para serem bons toureiros como ele. Lembrámo-nos da primeira novilhada em que o vimos, que foi a primeira de Pepe Luiz com picadores, e do muito que nos agradou como matador,



Manuel Rodriguez «Manolete», José Florez «Camará», seu «apoderado»; o empresário Manolo de Juan e Rogério Peres «El Terrible»



O toureiro de Manolete era parado, tranquilo, de domínio absoluto do touro, e ao mesmo tempo de uma arte requintada e única, e por isso, mesmo, inimitável

ainda que então fosse menos toureiro e mais matador. Depois as suas grandes tardes em Salamanca, em Badajoz, em Madrid — sobretudo na corrida da Beneficência há um ano — e as das feiras de Sevilha de 40 até 45 que foram as Feiras de Manolete, antes de ir ao México e de pensar em se retirar, idêa que todos agora lamentemos tivesse demorado tanto.

Lembramo-nos do grito que lhe lançávamos da nossa barreira do Campo Pequeno em tardes como aquela em que se deixou colher por um touro de Emilio Infante por ser um toureiro de pundonor. «Viva Santa Marina! Viva o Campo de la Merced! — gritávamos-lhe, e «Camará» e «Cantimplas» sorriam contentes porque aquela foi a freguesia onde Manolete e eles se baptizaram e aquele o baifro onde nasceram, eles e todos os toureiros de Córdoba, de «Pepe» a «Lagartijo», de «Guerrita» a «Machaquito», todos parentes entre si, quase da mesma família.

A José Rodriguez «Pepe», tio de Manolete e padrinho de Guerrita, matou-o um touro de Miura, como a Manuel Garcia «El Espartero», a Domingo del Campo e Eustaquio Posada. Mas os touros de Miura já não são assim tão temíveis, e com um Miura triunfou Manolete em Sevilha na feira de 1940, e Pepe Luiz na de 1941. Sim, não são, mas de tempos a tempos, por stavimo, sal outro como este que matou Manuel Rodriguez agora em Linares. Faticadas cinco Letras!

Pobre «Manolete»! Lembramo-nos agora das horas larguíssimas que passámos no aeroporto da Portela de Sacavém à espera que ele regressasse do México, este ano e no ano passado. E vimos a mulher que em 1946 o esperava também, e que em 1947 já veio de lá com ele. Algumas aristocratas e meninas ricas o desejariam, e muitas artistas famosas o disputavam. Mas, ele escolhera aquela, artista apenas porque tomara parte em dois filmes. E aos que pretendiam deslizar censuras, respondia bondoso, mas humano, e com superior critério, que se tanto lhe custava ganhar o dinheiro era para que este lhe servisse para se libertar de casamentos de conveniência ou convencionais, e de ter que dar contas ao mundo, à sociedade.

Pobre Manolete, que morreu sendo tão rico! Não cultivámos muito o seu convívio porque conhecíamos o seu carácter pouco dado a prodigalizar amizades. Mas ele sabia que o estimávamos e que o admirávamos como toureiro grande e de enorme pundonor. E distinguia-nos com sorrisos raros nele, e com frases de amizade para Antonio Cañero, que ele sabia ser nosso amigo. «Para rejonar toros grandes no salió otro como mi paisano! — dizia-nos. E Cañero correspondia-lhe com tão incondicional afecto que, nas corridas da Feira de Sevilha, ficava no hotel à espera que nós chegássemos com notícias de Manolete. «Não vou — dizia-nos — porque não pode alguém ser desagradável a Manolo, e eu não me saberia conter, e já não estou para discussões».

«Cordoba quando dá toreros, son así» — escrevíamos, evocando «Lagartijo», e «Guerrita» e «Manolete».

«Manolete»! «Manolete»! Porque te não retraste quando já eras rico, para viveres tranquilo, como «Guerrita» e como «Machaquito», apenas com o cuidado das tuas «fincas», dos cavalos, dos galgos e das lebres! Porque esperaste tanto, como «Lagartijo», tu que não sabias servir-te da simpatia para perdoar a defensiva! Não quisesse que a tua retirada parecesse uma fuga, e mantivesse até ao fim esse pundonor tão grande que te fez esquecer a vida calma a que tinhas direito!

ROGÉRIO PÉREZ



A artista M. Helena Leite dá-nos, brilhantemente, a figura de Manolete, na sua estética cordovesa

No Mundo da Bola

Pelo JORNALISTA DESCONHECIDO

CORRE QUE...

Eufim, foi deferido o pedido de transferência de Gastão para o Futebol Clube do Porto.

↘ Parece não ter sido dissolvida a secção de futebol da Cuf. Pelo menos, assim nos dizem.

↘ Ibraim não agradeu no passado domingo, ao alinhar pelo Sporting, mas tem qualidades.

↘ Araújo ainda não assinou a ficha pelo Porto, sinal certo de desinteligências.

↘ O Atlético de Bilbao, ao tratar da organização do jogo contra o Sporting, quanto à questão de arbitragem pôs logo tudo a limpo: — Sendo árbitro português, ou Carlos Canuto, ou Vieira da Costa, especialmente aquele...

↘ Estão quase concluídas as vitórias nos campos com vista à Prova de Lisboa, encarregando-se da missão Clemente Guerra acompanhado pelo funcionário Teodoro.

O ATLETICO DE BILBAU

em Lisboa
a 14 de Setembro

O Atlético de Bilbao vem a Lisboa jogar contra o Sporting, a 14 de Setembro, na inauguração oficial do «Estádio Alvalade».

O mais famoso team de Espanha—de futebol rectilíneo, duro e resistente—encara esta deslocação a sério. O seu presidente numa entrevista publicada em Espanha declarou o seguinte:

—Não vamos a aventurar, mas na nossa máxima força, para o que temos treinado intensamente e quasi todos os dias.

Não duvidamos um ápice de que assim seja. O Atlético, representante de uma região de Espanha que dá jogadores para todos os clubes do vizinho país, tem o orgulho do seu valor e das suas tradições.

Além de tudo, o grupo vem completo e já reforçado com as duas vedetas internacionais: o guarda-redes Molinero—vindo do Racing de Paris, e Aldecoa—o viscaíno que jogava no Coventry, da Inglaterra.

Quere dizer, a época internacional (bem pode empregar-se esta palavra) não podia começar melhor! O Atlético de Bilbao contra o Sporting em Lisboa, a 14 de Setembro, já é alguma coisa de magnífico.

3 ASSUNTOS

1 Dois clubes de Beja, o Luso Sporting e o União Sporting, acordaram na sua fusão, depois de várias reuniões que decorreram com serenidade e em que cada interessado pôs os seus pontos de vista.

Em Coimbra agita-se também a ideia da fusão de três clubes da cidade, o União, o Sport e o Nacional. Em outras terras do país, vidé Guarda, passa-se o mesmo. Geralmente, o acôrdo torna-se difícil porque os adeptos dos clubes, naturalmente, são ciosos dos seus pergaminhos. Mas como as vantagens são grandes, os adeptos acabam por ceder... Verdade seja—feita a fusão—os adeptos dedicam-se ao novo clube com o mesmo entusiasmo e a mesma paixão com que se dedicavam ao antigo. Assim sucedeu, pelo menos, relativamente ao Atlético, e ao êxito das fusões mais recentes, o Clube Oriental de Lisboa.

2 Ricardo Ornelas, que permanece um grande casapiano e bom amigo de António Feliciano, do Belenenses, dá-nos a notícia das diligências levadas a cabo pelo Celta de Vigo—ao que parece, por intermédio de um dirigente e de Ricardo Zamora—para levar para o seu grupo de honra o defensor internacional português, António Feliciano.

O clube da Galiza promete: 200 mil pesetas ao Belenenses e 300 mil ao referido jogador. O contrato é por dois anos.

Feliciano diz que, tendo vinte e cinco anos, e achando-se em for-

ma, por ter treinado na Corunha, em Vigo e continuar a treinar em Lisboa, entende dever aproveitar a oportunidade.

O pensamento do rapaz, esplêndido carácter, é razoável. Quem lhe poderá levar a mal que ele queira garantir a sua vida? Só é pena que o Belenenses e a equipa nacional percam uma pedra basilar. Mas tudo se remediará, e a terra continuará a girar...

3 Pelo «Boletim do Belenenses» passa uma aragem.

Lê-se com agrado, atraí, e cumpre o fim em vista. No último número, o sr. dr. Octávio de Brito publica um artigo de fundo, portanto, de orientação, muito interessante, em que defende a criação de jogadores no clube. E a quem julgar que a ideia do Belenenses é incoerente, por recorrer às transferências, aconselhamos a leitura do artigo. Respiguemos do «Boletim do Belenenses» os seguintes períodos expressivos:

«É evidente que a escola não resolverá todos os problemas das equipas de futebol. Há-de solucionar porém a sua maior parte; pelo menos para transformar o problema das transferências de uma regra em uma excepção. E isto é fundamental.

A transferência tornada a regra comum de recrutamento das equipas dos clubes de maior poder financeiro, não é certamente a mesma coisa do que a transferência que pode resultar amanhã dos casos excepcionais em que ela será possível e necessária».

Há resposta para tudo...

P. 531 — Qual o melhor: Moura, do Belenenses, ou Juvenal, do Sporting? (Um ferrenho belenense).

R. 531 — Preferimos Juvenal. Mas o belenense tem qualidades. (Não cabe nesta secção perguntas sobre outros desportos).

P. 532 — Em que livreria portuguesa poderei adquirir as melhores revistas desportivas da França, Espanha, Itália, Brasil e Argentina? (De um coleccionador).

R. 532 — Em qualquer livreria, mas a «Bertrand» dedica-se mais ao assunto, porque tem uma secção especializada de revistas.

A Livreria dá-lhe todos os es-

clarecimentos. Em França há muitas: «Miroir Sprint», «Omnia», «Bul», etc. Nos outros países, não. Os jornais argentinos chegam a Portugal com grande atraso.

P. 533 — Sendo do Sporting gostava de saber se Albano é melhor do que Bentes, e qual dos dois deve ser o indicado para o posto de extremo esquerdo da Seleção Nacional? (De um doente do Sporting).

R. 533 — Talvez que a inclusão de um ou de outro não dependa do valor intrínseco de qualquer deles, mas da sua ligação com os restantes componentes. Consideramos, no entanto, António Bentes melhor jogador que Albano...

CONTA-GOTAS

Os clubes, sem campo, não podiam tomar parte em provas oficiais. Para atender a legítimos interesses, a Federação Portuguesa resolveu, excepcionalmente, que os clubes nessas condições apresentassem outro campo, excluindo, porém, do benefício os clubes que pela primeira vez disputem provas oficiais. A disposição resolve várias situações, como a de Coimbra, por exemplo.

Foi abolida em Portugal pelo sr. subsecretário de Educação a saudação olimpica, já eliminada pelo Comité Olímpico Internacional.

Fundamento: ter a saudação perdida o significado que se lhe atribuiu. De agora em diante: posição de sentido na saudação às entidades oficiais.

Tavares da Silva demitiu-se de seleccionador. A Federação Portuguesa publicou um comunicado sobre o assunto, destacando a acção de Tavares da Silva.

As Associações distritais devem remeter à Federação com a devida antecedência, para serem enviados à Direcção Geral dos Desportos, os planos e detalhes da respectiva organização das provas que pretendem organizar durante a época próxima, a fim de serem aprovados superiormente. Trata-se de prevenir.

O Campeonato Nacional da Primeira Divisão começará em 16 de Novembro, com os seus 14 clubes; na mesma data terá início o da Segunda Divisão, no molde já tornado publico.

O Campeonato Nacional da 3.ª Divisão começará a 15 de Fevereiro, e o de Juniores a 4 de Abril. A Taça de Portugal entrará em disputa a 16 de Maio, e a Taça Império não se disputará este ano.

Já se conhecem as datas fixadas para a realização dos nossos encontros internacionais, em número de três: 23 de Novembro, em Lisboa, contra a França; 21 de Março, em Madrid, contra a Espanha; 23 de Maio, em Lisboa, contra a Islanda.

A Federação Portuguesa elaborou as bases para regular os Campeonatos Distritais.

Os Campeonatos são disputados pelos clubes não incluídos na 1.ª e 2.ª Divisões do Campeonato Nacional. Sempre que possível, deste modo: 1.ª Divisão, 6 clubes com 3 categorias obrigatórias; 2.ª Divisão, 6 clubes, com 2 categorias obrigatórias; 3.ª Divisão, pelos restantes clubes com as séries necessárias.

Caberá também às Associações as provas de juniores e provas especiais, efectuando-se jogos de competência, de uma só mão, de passagem de Divisão.

Pequenas coisas...

...grandes problemas do futebol!

LONDRES, Agosto de 1947 — Especial para «Stadium» — por FERNANDO MENDES

A bola já corre há semanas pelos relvados da Grã-Bretanha. O jogador inglês descansa pouco, embora saiba descansar, como já se procurou fazer demonstração numa crónica anterior. Por isso mesmo, todos os grupos apresentaram os seus componentes em boas condições físicas, e a época promete aos britânicos ser animada e de bons resultados.

De resto, os ingleses começam cedo a sua época internacional. O Inglaterra-Bélgica vai servir de «pedra de toque» logo aos primeiros alvares da temporada, e a serenidade não os abandona, como sempre. Continuarão previdentes, cuidadosos, olhando por tudo com a máxima prontidão e saber.

E, visto que durante o defeso nos detivemos na apreciação do «modo de viver» dos jogadores ingleses, — a sua preparação, o seu profissionalismo e a sua responsabilidade — apreciemos agora os receios que o jogador inglês tem pelo mau vestuário ou pelo calçado inferior.

Esta preocupação pertence também aos orientadores técnicos. Na secção de roupa e de calçados de qualquer clube inglês não falta o necessário, e todas as camisolas, calções, meias e botas passam constantemente por mãos hábeis e zelosas.

Para o jogador britânico nada o contraria mais que uma equipa inferior ou mal tratada. As botas podem ser velhas, muito usadas, com umas biqueiras disformes. Mas, se as observarmos interiormente, vê-se que não têm uma raga ou um golpe — qualquer atrito para os pés melindrosos do jogador. E tem razão para isso. Saponha-se um jogador mal calçado, indisposto durante o desafio, irritado porque magoa um calo, qualquer ferida provocada pelas suas botas, e ter-se-á a explicação, até, de muitos erros que o público não entende.

Não há esse perigo para os britânicos. A «oficina» existe nos vestiários. O gerente do «laboratório» — que assim se pode chamar — tem tanta responsabilidade como os demais funcionários categorizados do clube. Se um jogador se apresenta molestando por causa das botas — o caso pode ser muito aborrecido para ele.

As camisolas, os calções e as meias não tem menos importância. Nem uma dobra, um rasgão, pontos grosseiros que possam ferir a epiderme ou os nervos do atleta britânico. Como se sabe, os calções são compridos, cobrindo os joelhos, porque os britânicos pensam que não será sensato expor as suas carnes.

Até por isso, de um modo generalizado nos vários clubes da Grã-Bretanha, a manga da camisola cobre os dedos do atleta. Há, porém, muitos discordantes quanto a este ponto das mangas compridas, afirmando-se que o braço não precisa de grande defesa.

Estamos de acordo. Em Lisboa, por exemplo, julgamos que o Benfica usa camisola de meia manga. É sem dúvida alguma mais prático, pese aos defensores do outro sistema. Assim, evita-se que o jogador dobre as mangas da camisola, que a mesma se desloca e perca desse modo um remate, um passe na melhor altura. Pode parecer tudo isto de pouca importância mas assim não é. Os ingleses insistem na «preparação» perfeita dos calçados e das camisolas, e lá tem as suas razões. Demos os clubes portugueses seguir mais este bom exemplo.

Claro que sim. Porque não-de o Belenenses e o F. C. do Porto, para não falar de outros (o Sporting usa o mesmo sistema?) servir-se de camisolas ou camisas de manga até aos dedos? Até como sintoma de elegância o caso merece seria revisão por parte dos dirigentes e do próprio treinador. Camisola apertada? Também não. Solta, sem «balão», para não provocar as mãos do adversário... Este, se o homem lhe foge, — não deve ter onde egarrar!

As meias, fortes, «enchendo» sem peso a parte inferior da perna, também precisam de cuidado. Meias berrantes, de cor encarnada, verde ou azul, com tarjas largas, brancas, são as mais usadas pelas equipas inglesas. Não ha nada de especial nas meias? Parece a quem assiste por assistir a um jogo de futebol...

Além de tudo, é bonito ver no campo um grupo bem equipadinho. Impressão o próprio adversário. Como impressão a camisola do guarda-redes. Cuidado com isso devem ter os homens de balisa, que servem de alvo a remates e a cargas do adversário. A cor atraz o avançado, e se atraz — é certo e sabido que a bola vai muitas vezes direita à cor... da camisola. Se a equipa do resto do *team* é azul — como remate deve o guarda-redes apresentar-se de camisola encarnada. Se for encarnada — camisola preta ou azul. Se for preta — camisola branca. E assim. Não ha ama cor rigorosa, mas ha ama cor de combinação, para que os defesas, por exemplo, possam localizar rapidamente a posição do seu guarda-redes.

Pequenos segredos do futebol

BENI LEVI

ganhou a Augusto de Sousa, por K-O ao sétimo assalto

Quando a crítica se dispõe a fazer uma análise de factos e de valores deve situar-se num plano realista: o do nível e grau de desenvolvimento atingido pelo desporto português.

De outro modo o seu parecer tornar-se-á desproporcionado, e fora das circunstâncias reais, as únicas que, afinal, têm interesse. Isto serve de introito aos comentários que vão dar-se acerca de Beni Levi e de Augusto de Sousa, agentes principais do desafio de boxe efectuado a 29 de Agosto, no Estádio Mayer.

Beni reapareceu, trazendo deante de si um passado brilhante e uma personalidade combativa que não está esquecida. Os seus meios físicos acham-se muito diminuídos e perderam quase todo o antigo vigor, mas ninguém oferece ao público maior garantia de um bom espectáculo — na derrota e na vitória — como o ídolo moçambicano.

Os partidários de Levi têm toda a razão em acarinhá-lo e aplaudir-lo, pois, à excepção de Guilherme Martins, nenhum outro jogador de boxe existe, tão voluntarioso e magnético. Deante de Augusto de Sousa, pugilista com ótimas qualidades para figurar na ribalta, mas agora a pálida sombra de si mesmo, Levi obteve um espectacular triunfo por K-O ao 7.º assalto.

O trabalho do portuense facilitou a vitória do moçambicano. Jamais se cobriu e nunca se applicou a atacar com o punho direito em contra, antiga especialidade. Se o tivesse feito o resultado podia ser outro, mas Sousa perdeu faculdades reflexas e convicção.

Os principais incidentes do combate produziram-se no primeiro assalto, ao quinto, ao sexto e no derradeiro. Levi colheu Augusto de Sousa no maxilar com um directo, derrubando-o após dois minutos de fintas e de jabs.

No quinto período repetiu o gesto. O portuense tombou outra vez e parecia estar pronto, mas o timbre safou-o da situação crítica.

britânico. E' bom pensar em tudo. E nas equipas, então, nem se fala. O jogador, bem equipadinho; sentindo que todas as suas carnes estão vestidas a carácter; que os seus pés, bem pensados, clinicamente, lincionarão em condições, durante o jogo — torne-se outro. Se o aborrece isto ou aquilo — perderá facilidades.

Tudo tem importância para o futebol. Assim pensam os ingleses, os mestres do mais popular jogo do Mundo!

No sexto *round* produziu-se o golpe de teatro: Sousa abriu uma ferida num olho de Levi e puniu-o bravamente, até ao termo do assalto.

Quando o 7.º começou pairava no ar esta incógnita: conseguirá Levi suportar a desvantagem ou Sousa impor-se-á definitivamente?

A reportagem foi breve. O pugilista moçambicano, revelando uma formidável vontade, cresceu com fúria sobre o antagonista e acabou por desce-lo a um canto. Ao nono segundo veio a cima mas a estocada esperava-o e derrubou-o com violência, irremediavelmente.

Levi continua, pois, na brecha. Porque não se organizará um pequeno torneio, para achar o pretendente directo ao título dos semi-médios, compreendendo Carlos Wilson, Jorge Larsen, Levi, etc?

O combate Larsen-Wilson seria outra «meia-final» de certo interesse, a menos que fosse entre Levi e Wilson...

Os restantes combates do programa tiveram os seguintes resultados:

Manuel de Sousa (59,400) bateu por pontos a João Rocha (57,200) em 8 rds;

Valente Rocha (66,200) ganhou por pontos a Domingos de Figueiredo (64,200) em 8 rds;

Patrício Alvares venceu Cruz Passos, por pontos, em 6 rds.

Em abertura, os amadores João Ramires e Max Pereira empataram após 4 assaltos.

De todos estes *matches* o melhor foi o primeiro. Rocha merecia a vitória, embora a partir do quinto assalto cedesse bastante, subjugado pelo vigor dos punhos do portuense. Em qualquer hipótese, o empate seria um mero acto de justiça a premiar o seu trabalho. A decisão em benefício de Sousa baseou-se no vigor dos seus golpes, na resistência e no seu estado de frescura final, mas este último não constituiu um factor que influa nas decisões e os outros são menos importantes que o número de golpes dados e levados (o primeiro em mérito), a habilidade defensiva (o segundo) e a habilidade empregada (o terceiro).

Rocha devia, por conseguinte, ter ganho. O seu homónimo, Valente Rocha, esgrimiou com excesso de cor e de fintas, criando e desperdiçando belas oportunidades. E', sem dúvida, um pugilista com enorme intuição e elegância, capaz de se equiparar aos melhores semi-médios actuais. Figueiredo mostrou valentia mas pouco pôde conseguir além disso.

Fernando Mendes

R. Barradas

A 12.^a VOLTA a PORTUGAL em bicicleta



Em plena paisagem alentejana os corredores atravessam a ponte de Odivelas, na etapa Setúbal-Loulé



João Rebelo e José Martins passados no cimo da Serra do Caldeirão, empta do «Prémio da Montanha»



José Martins cortando a meta em triunfo que lhe proporcionou a conquista da camisola amarela



Na etapa Loulé-Tavira, que proporcionou brilhante vitória do marroquino Djilalli, os corredores atravessaram a pitoresca povoação da Luz



Por entre o entusiasmo da população, os corredores atravessam Tavira



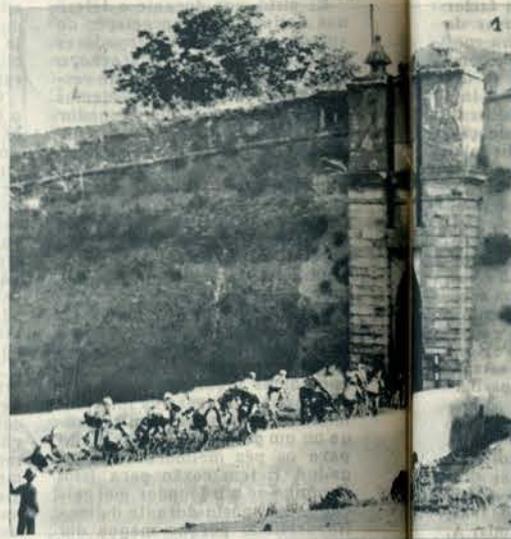
Os ciclistas da «Volta» pedalam vigorosamente a caminho da Vidigueira



Um aspecto da passagem dos corredores em Ferreira do Alentejo



José Martins, ufano e confiante, enverga em Loulé a camisola amarela, símbolo dos campeões da «Volta»



1—Os ciclistas entrando em Extremoz pela Porta dos Currats. 2—Depois da passagem pela cidade, onde foram vibrantemente aclamados pela população, os ciclistas saem pela porta de Santa Catarina, na direcção de Veiros



Um aspecto da marcha na etapa Gouveia-S. Pedro do Sul. Um momento em que os corredores seguem em grupo e vagarosamente...



Os corredores disfrutam de alguns minutos de tréguas no posto de abastecimento do Torrão



Fernando Moreira, valoroso ciclista português manifesta claramente a sua satisfação por ter sido o primeiro em Évora



Em pelotão compacto, os corredores marcam a direcção de

Dissolução de BORRACHA

S D L

AGOLA PREFERIDA PELOS CICLISTAS

da "Volta a PORTUGAL"

SANTOS DAVID, LDA. BOQUEIRÃO DO DURO, 46 - LISBOA

ATLETISMO

Apontamentos para a história da sua prática em Portugal

VIII — As corridas de barreiras (continuação)

Nos campeonatos regionais de 1928 foram, nas devidas proporções do nosso valor, melhores os resultados dos 400 metros do que os dos 110 metros barreiras.

Em Lisboa triunfaram Palhares Costa em 18,8 s. e Alfredo Silveira em 1 m. 4 s.; no Porto, Acácio Mesquita em 18,6 s. e Morais de Almeida em 1 m. 3,6 s., tempo este que batia o recorde nacional de Amaro.

Os dois campeões dos 110 metros encontraram-se, no Estádio do Lumiar, a quando do tradicional Porto Lisboa e Palhares venceu em 17,4 s.

Os campeonatos nacionais foram organizados na pista do Lima e revestiram-se de especial interesse, pois serviram de prova de selecção para os possíveis representantes olímpicos.

Palhares Costa era um dos possíveis, pelo que a corrida dos 110 metros se revestiu de importância especial; logo na eliminatória bateu o recorde com 16,8 s. e no final travou duelo emocionante com o seu camarada de

Costa para os Jogos de Amsterdão.

A corrida nacional dos 400 metros barreiras foi também notável, nela batendo Alfredo Silveira, em 60,4 s., o recente recordista Morais de Almeida e o seu efémero recorde.

A acção de Palhares Costa em Amsterdão foi, como era de presumir, um fracasso; desapareceu logo na eliminatória, em que terminou no último lugar, apesar de uma excelente partida. A forma insuficiente de Palhares, que atingiu a custo o limite dos 16 s., acrescida dos poucos cuidados que lhe dispensaram durante a deslocação (o atleta queixou-se-me de que nem embroação lhe davam para se massajar, tendo que o fazer com espuma de sabão), não autorizavam maiores ambições do que esta de simples presença.

Em fins de Agosto, a encerrar a temporada, o Sporting Figueirense organizou pela primeira vez o seu interessante torneio, que compreendeu uma prova de barreiras para juniores, em 80 m. e outra para seniores nos clássicos 110 metros. A primeira foi ganha por Eduardo Mourinha em 12,8 s. e a segunda por Palhares em 17,6 s.

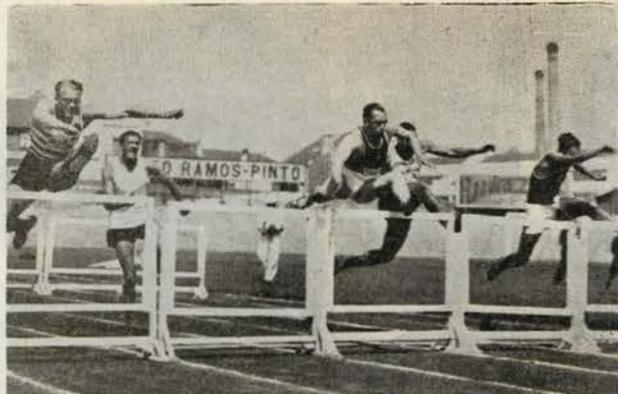
Em 1929, cuja actividade vamos resumir, tão escasso foi o seu interesse, iniciou-se a disputa de provas com barreiras em duas novas distâncias: 83 metros para juniores e os 200 metros, mas com barreiras de 90 cm., altura não regulamentar.

Resultados dos 110 metros: Acácio Mesquita venceu o regional do Porto em 18 s. e o 1.º Porto-Galiza em 17,8 s., mas no 2.º Porto-Galiza foi batido por quatro metros pelo galego Carsi, em 17,2 s.

Palhares Costa foi campeão de Lisboa em 16,2 s. (novo recorde nacional), seguido pelo belenense Licínio Vaz, em 18 s.; campeão nacional em 16,6 s., vencedor no concurso organizado pelo C. F. «Os Belenenses» em 17,6 s.

A corrida de 200 metros barreiras foi incluída no programa do concurso de «Os Sports» e Palhares Costa estabeleceu o recorde português com 29,8 s., batendo Licínio, cujo tempo foi 31,2 s. Resultados dos 400 metros: Morais de Almeida foi campeão do Porto em 1 m. 5,4 s.

Na sua eliminatória do regional, disputada pela manhã, Palhares Costa conseguiu o primeiro tempo nacional inferior ao minuto, 59,6 s., mas à tarde, na final, o atleta do «Cif» Alfredo da Silveira triunfou em 58,2 s. Como o regulamento internacional diz que um recorde só pode ser homologado desde que dure pelo menos vinte e quatro horas, a marea de Palhares Costa não pode



O último duelo Palhares-Martins Vieira no Nacional de 1940

oficialmente figurar na tabela portuguesa de recordes.

No campeonato nacional venceu Silveira em 1 m. 5,4 s. e no torneio do «Belenenses», Palhares Costa em 1 m. 3,6 s. Temporada de 1930:

Corridas de 110 metros: Fernando Rodrigues é campeão do Norte em 19,2 s.; em Lisboa, Palhares Costa, em 18 s., vence Licínio Vaz, 18,4 s. e Castro Cabrita, 19 s.; no campeonato nacional, Palhares consegue 16,2 s., mas com um derrube, seguido por Rodrigues, 17,8 s. e Licínio desclassificado por três derrubes; no encontro Porto-Lisboa, vitória de Palhares em 16,8 s., precedendo Licínio em 17 s. e Rodrigues em 17,4 s.; Castro Cabrita venceu, no mesmo dia, a prova no encontro Lisboa B-Setúbal, em 19 s., batendo o setubalense Augusto Maria, em 19,4 s. finalmente, no concurso do «Belenenses», mais um êxito fácil de Palhares em 17 s.

No torneio de «Os Sports» a corrida de 200 metros com barreiras, ainda com os 90 cm. anti-regulamentares, ganhando Palhares com tempo igual ao do ano precedente, 29,8 s.

Corridas de 400 metros: W. Minemann foi campeão do Porto em 1 m. 4 s. e Alfredo da Silveira, campeão de Lisboa em 59,8 s. e de Portugal em 1 m. 3,6 s.

Temporada de 1931: Corridas de 110 metros: Paulo Palhares venceu o regional do Norte em 17,2 s. e o Nacional em 17,4 s., batendo por um pelto Palhares Costa, que alinhara sob a influência deprimente de um doloroso choque moral, e no concurso da Figueira em 18,6 s.

Palhares Costa foi campeão do Sul em 17,2 s. e vencedor no encontro com Setúbal, 17,2 s.; no encontro com a selecção portuense, 16,2 s., desferrando-se de Paulo Palhares, que foi segundo em 16,4 s.

Os 200 metros do concurso de «Os Sports» foram ganhos, em 30,8 s., por Eduardo Mourinha, derrotando por escassa diferença um Palhares Costa à mingua de forma.

No torneio da Taça Serra e Moura, organizado pelo Sporting, disputou-se pela primeira vez uma prova de estafeta em barreiras, num percurso de três vezes 83 metros, compondo a equipa um principiante, um junior e um senior. O Sporting, cujo terço era constituído por J. Pereira, Correia Cesar e Palhares Costa, ganhou em 43,8 s.

Finalmente em 400 metros barreiras, apenas as 3 provas clássi-

cas: campeão regional de Lisboa, António Gonçalves em 1 m. 1,8 s.; campeão nacional, Silveira, em 1 m. 1,6 s.

Para evitar a monotonia de longo enumerado de nomes e resultados, nestes anos mais modernos cujos elementos de história é fácil reunir, passamos a apreciar em conjunto a actividade dos últimos quinze anos.

O reinado de Palhares Costa nos 110 metros durou ainda até 1936, ameaçado sempre por Martins Vieira, a estrela que despontava e com quem partilhava os títulos oficiais nos dois anos seguintes. A rivalidade entre estes dois grandes atletas amigos foi durante este período um factor de interesse para as provas da especialidade; nunca Vieira conseguiu derrotar Palhares em competições oficiais e, como se um sortilégio pendesse sobre a luta entre ambos, quando Palhares, depois de dois anos de abstenção, se resolveu em 1940 a disputar na pista do Lima o campeonato nacional contra todos os prognósticos venceu mais uma vez no tempo modesto de 16,8 s., deixando Vieira a meio metro.

Foi em 1933 que Palhares atingiu pela primeira vez os 16 s. (no regional e no nacional) mas sempre com derrube de obstáculos; na época seguinte, em que representou o Sport Clube do Porto, a marca foi-lhe validada e estabelecida no encontro Lisboa-Barcelona.

Este recorde durou até 1939; Glória Alves, Pedro Vasconcelos, Araújo Vieira, António José Pereira, não tiveram êxito nas suas tentativas.

No campeonato de Lisboa de 1939, disputado no campo do Lumiar A, com barreiras do novo tipo oficial, mas que sempre afirmamos não corresponderem aos preceitos legais de distribuição de peso, Martins Vieira conseguiu enfim que lhe fosse homologado o tempo de 15,7 s.; a ventania favorável era tanta, que as barreiras caíram como um castelo de cartas, mas naquele tempo mandava no atletismo português alguém que se não prendia com esses pormenores quando a cor clubista era favorável, e a coisa passou.

Nessa mesma final, A. L. Pereira alcançou 15,8 s. e Glória Alves 16 s., repetidos no nacional de 1941.

A partir de 1942 a superioridade nesta corrida passou para Fernando Ferreira que, em 1945, igualou os 15,7 s. de Martins Vieira.

Salazar Correia

(Continua)



Carvalho Amaro, que foi recordista dos 400 metros-barreiras

clube, Araújo Ferreira, batendo-o apenas por um peito, em 16,4 s. Este tempo não pode ser homologado porque Palhares derrubou um obstáculo e Araújo Ferreira foi desclassificado por haver feito três derrubes, cedendo o segundo lugar a Acácio Mesquita.

Os seleccionadores quiseram que Palhares tomasse ainda parte numa prova especial, atingindo ele os 16 s., também não homologáveis por derrube de um obstáculo. Esta corrida decidiu em definitivo a escolha de Palhares

Natação Peninsular

(Continuação da página 4)

Nova vitória de Simas. Excelente «tempo» de Franco do Vale

Tal como nos 100 metros-livres, sob uma trovada de aplausos, Mário Simas venceu os 100 metros-costas com inexcédvel brilhantismo. Tomando deliberadamente o comando da prova, aumentando gradualmente o seu avanço, com uma primeira «viragem» à Kieffer, verdadeiramente impecável, Simas continuou, assim, a empenhar o cetro conquistado em 1945, demonstrando cabalmente serem absolutamente fundadas e legítimas as suas aspirações de representar Portugal em Mônaco, há pouco arquivadas nestas colunas.

«Tempo» obtido: 1 m. 9,7 s.

Os espanhóis Francisco Calamita e Afonso Weller, apresentaram-se dentro das suas possibilidades normais, demonstrando, mais uma vez, excelente classe, ainda que sem revelar progresso em relação à época transacta.

Ambos obtiveram piores «tempos» do que os averbados no encontro de 1946, tendo Calamita, terceiro classificado em Tenerife, conseguido bater Weller. Marcas: Calamita, 1 m. 12,8 s.; Weller, 1 m. 13,1 s. Os mesmos nadadores obtiveram, o ano passado, respectivamente, 1 m. 12,7 s. e 1 m. 11,4 s.

Dos quatro, o que evidenciou nítidos progressos, foi o jovem João Franco do Vale que se creditou no seu melhor «tempo» de sempre: 1 m. 15 s., de longe, o segundo resultado português.

A apresentação do «estilo» e das qualidades deste esperançoso nadador, está feita nestas colunas, de há muito. Por hoje, queremos, apenas, frizar o valor do «tempo» obtido e a beleza da prova realizada, a despeito de uma natural inferiorização psicológica, perfeitamente compreensível num primeiro contacto internacional.

Houve, talvez, quem não apreciasse devidamente a prova de Franco do Vale, por ele ter sido o último.

Todavia, na troca de impressões que tivemos com Enrique Ugarte, seleccionador espanhol de natação, ficámos conhecendo ser Franco do Vale o nadador que mais surpreendeu e impressionou aquele conceituado técnico do país vizinho.

Ao fim e ao cabo da primeira jornada, a pontuação era favorável aos portugueses por 17 pontos contra 16.

Ferry conserva o título dos 400 metros-livres...

Isidoro Martinez Ferry, um dos melhores esteses da equipa do país vizinho, manteve os seus créditos de campeão ibérico dos 400 metros-livres — prova que ganhou por margem folgada, em 5 m. 18 s., registando 2 m. 30 s. aos 200 metros. Ferry encontra-se, sensivelmente, na mesma «forma» da época passada. A marca obtida, que, aliás, nunca esteve ao al-

cance de nadadores lusitanos, é-lhe normal.

Esta prova foi, digamos, uma segunda edição da de 1.500 metros-livres. Esteve — uma estrela que desponta — voltou a afirmar as suas excelentes qualidades, traduzidas num «tempo» de valor, dentro da natação ibérica: 5 m. 26,3 s.

José da Silva (5 m. 47,4 s.) voltou a bater-se com muita coragem e desportivismo, melhorando o resultado alcançado em Espinho. E Belmiro Santos (5 m. 57 s.) bastante discreto.

A pontuação começou a ser-nos desfavorável: Espanha, 24 pontos; Portugal, 20.

... e Manuel Guerra o dos 200 metros-bruços

Manuel Guerra, o excelente nadador das Canárias, o melhor nadador espanhol de todos os tempos no «estilo» de «bruços», também confirmou o seu título de campeão ibérico da prova clássica de bruços, com inteira justiça, acentue-se. Acima de tudo, soube dosear o seu esforço, e «apertar» no momento oportuno. De momento, ninguém em Portugal o poderia bater. Marca: 2 m. 58,8 s.

Artur Mendes Silva, quarto em Tenerife, foi agora segundo, com 3 m. 3,2 s., e lutando magnificamente com o catalão Andreu (3 m. 4,4 s.), outro elemento jovem da equipa espanhola.

O «veterano» Silva Marques, embora jogando corajosamente a sua «cartada» na primeira fase da corrida, não pôde fugir ao último pósto, com 3 m. 5,3 s. Obteve, no entanto, o seu melhor resultado do ano.

Nesta altura a tabela acusava: Espanha, 31 pontos; Portugal, 24.

A estafeta olímpica — prova sem brilho e sem história

Que dizer de uma prova para a qual se parte previamente batido?

Nesta interrogação reside toda a história da estafeta olímpica de 4 x 200 metros-livres — o calvário deste V Portugal-Espanhola.

A turma espanhola, extraordinariamente homogênea, fez prova à parte do primeiro ao último percurso, e ficou, apenas, a 8,6 segundos do respectivo recorde. Conjunto notável de «tempos» como se pode verificar: Perez (2 m. 23,6 s.), Senra (2 m. 38,4 s.), Martinez (2 m. 33 s.) e Ferry (2 m. 24,4 s.). Total: 9 m. 48,6 s.

O elenco lusitano, onde sobressaem os «tempos» de Lopes da Conceição (2 m. 30 s.) e Vasco de Abreu (2 m. 33,1 s.), cobrindo a distância em 10 m. 18,6 s. não chegou a oferecer luta.

Chegados ao fim, a tabela «fala» na sua eloquente simplicidade: Espanha, 41 pontos; Portugal, 30.

Resultado honroso no «water-polo»

«...o desporto nacional não sair diminuído neste seu encontro com a nação vizinha. Confiamos no grupo nacional!» — ditava

Comentarios

Os atletas e o atletismo

Todos os comentários que sejam feitos à orientação e actividade do atletismo português ficam falseados se não entrarem em linha de conta com os elementos primordiais que são os atletas praticantes.

Quaisquer decisões, quaisquer projectos, resultam improficuos se eles se não dispuserem a prestar-lhes voluntária colaboração; e dizemos voluntária porque, tratando-se de amadores, ninguém os pode obrigar a comparecer nas provas, por mais importantes que sejam.

É evidente que esta situação pode conduzir a resultados lamentáveis, mas inevitáveis quando não haja nos atletas entusiasmo desportivo e paixão pelo atletismo.

Estas conseqüências aponadas agravam-se, por exemplo, nas circunstâncias presentes do nosso atletismo, ante a próxima organização de dois encontros internacionais e a necessidade de apurar a forma dos melhores elementos e escolher aqueles que sejam, de facto, os melhores do momento.

Para tais casos, nenhum título, nenhuma situação precedente podem ser considerados com a equivalência de um direito adquirido.

Por exemplo: um especialista conquista o campeonato nacional, mas esquia-se depois a tomar parte nas provas organizadas posteriormente. Deve-lhe ser imposta a participação em concursos de apuramento, sob pena de ser, sem mais hesitações, afastado da selecção.

A forma é leviana e caprichosa e, nas competições de responsabilidade, não se luta nem vence com tradições ou títulos conquistados.

A Federação de Atletismo não

há três semanas, para estas colunas, o seleccionador nacional de «water-polo». E com efeito, os pupilos de José Alves encarregaram-se de confirmar a profecia.

Perder por 5-4, com 2-2 ao intervalo, com uma equipa como a espanhola, jovem, composta por jogadores rápidos, com muito treino e, sobretudo, bastante contacto internacional, é indiscutivelmente honroso e só vem provar as magníficas aptidões dos jogadores portugueses para a modalidade.

Diremos, pois, em síntese: vitória justa, derrota honrosa.

Alinharam e marcaram: Espanha — Cruells; Pujol e Marti; Castillo (1); Rovira, Bernal (1) e Mestres (3). Portugal — Rosa; Sacadura e Óscar; Moltinho; Francisco Alves (1); José Manuel Correia (2) e Bessone (1).

Arbitragem criteriosa de Gomes da Silva.

Abreu Torres

procedeu com as devidas cautelas, pois devia ter feito logo a seguir aos Nacionais uma pré-selecção e sujeitar os elementos escolhidos a treino especial e fiscalização permanente, arredando os que não correspondessem com assiduidade às suas determinações. Mas é tempo ainda para averiguar — nas poucas provas onde pode haver dúvidas — quais são, de verdade, os atletas que merecem a honra de envergar a camisola nacional.

Ténis, desporto atlético

Numa entrevista recentemente concedida o tenista excepcional que se chama Jean Borotra, expôs largamente — com admirável clarividência e natural conhecimento de causa — o seu critério sobre a preparação dos jogadores de ténis e as condições necessárias ao seu desenvolvimento e progresso. Eis um período das suas declarações que nos parece digno de registo:

«O ténis de competição é um desporto muito duro; cada vez mais se torna impossível chegar a grande campeão a quem não for excelente atleta. Os aspirantes a campeões devem cultivar o atletismo, que é a base de todos os desportos, e dedicarem-se aos jogos colectivos, futebol, oquei, basquetebol, que desenvolvem a coragem, a vontade, o espírito de disciplina e de abnegação. A cultura física diária conservará e apurará as qualidades do atleta. No entanto, o jogador fisicamente bem preparado e dotado para o ténis, não conseguirá triunfar se não for animado por vontade de ferro.

É indispensável que tenha a coragem de se cingir a uma disciplina constante e de submeter-se aos sacrifícios que se impõem.»

Estas palavras, do melhor bom senso, ditas por um homem com a autoridade moral de Borotra, campeão de França com quase cinquenta anos e a vinte e cinco anos do seu primeiro título conquistado, merecem ser meditadas e encerram a maior das verdades: não se alcança o êxito sem esforços e sem luta. Não existem fáceis campeões, porque é sempre difícil ser um autêntico campeão.

Campeonatos europeus de remo

Publicaremos no próximo número uma reportagem completa dos campeonatos europeus de remo aos quais concorreu o nosso país, da autoria do nosso brilhante colaborador, sr. dr. Salazar Carneira, que, em representação oficial, se deslocou a Lucerna.

A FESTA DE MARTINS



Fotos: MANIQUE

António Martins, à frente das equipas do Benfica e do Sporting, no momento da saudação às entidades oficiais



Sugestiva fase do primeiro desafio da época entre os dois velhos rivais Benfica e Sporting



Atlético e o Oriental prestaram também o seu concurso à festa de António Martins, disputando um animado encontro



Martins e Azevedo, dois guarda-redes famosos e duas amizades que o desporto criou...



Os directores do Benfica oferecem uma recordação a António Martins, testemunhando-lhe assim gratidão pelos serviços que prestou



O homenageado com um grupo de admiradores, que lhe demonstraram o seu apreço na hora comovente da despedida

MARTINS abandonou a bola e soube escolher a hora da retirada. A sua festa transformou-se num acto encantador e carinhoso. Abateram-se bandeiras. Todos, jogadores e adeptos, deste ou daquele clube, deram-se as mãos. Porquê? — Verdadeiramente, porque Martins abandona o futebol sem inimigos, sem uma atitude incorrecta, sem uma crispção irritada de nervos. Sai do campo, direito. Calmo e contente. Ainda vale a pena, no desporto, ser um bom atleta dentro do campo, leal e cavalheiresco: e na vida, um homem digno e correcto.

O Campo Grande encheu-se por completo. Esgotaram-se os bilhetes. E o ambiente era de simpatia, de carinho e de amizade. Realizaram-se dois jogos, mas o grande vencedor do domingo passado foi — Martins!

O acto da despedida efectuou-se no intervalo dos dois encontros. Os ciclo-turistas do Benfica e Sporting abriram alas. 20 jogadores de futebol do Benfica e 19 do Sporting, dois teams compridos, tornaram essas filas mais extensas. Martins fez a sua entrada por entre essas alas, num momento de profunda emoção, sob vibrantes aplausos.

O público do Benfica dividiu as palmas por Martins e pelas camisas verde-brancas que estavam em campo.

EM pleno campo, à luz do sol, António Martins recebeu muitas prendas e ramos de flores, mas valiosas, outras modestas, mas todas expressivas. Primeiro, a do sr. brigadeiro Tamagnini Barbosa, em nome do clube; depois, de uns encantadores pequerruchos vestidos com a equipa benfiquense; e em seguida de amigos, de muitos amigos. Entre as prendas, uma, de Mariano Amaro, pela equipa do Belenenses.

Martins não tinha mãos para abarcar todas as prendas, mas os seus olhos diziam comodamente o que lhe ia na alma.

OS dois guarda-redes abraçaram-se emocionadamente. Azevedo e Martins estreitaram-se num amplexo do mais belo significado. E no fim Martins ofereceu um dos ramos de flores que lhe tinham dado os guarda-redes do Sporting. As cêras clubistas não separam os homens do desporto. Especialmente quando eles sabem ser homens...

RIBEIRO DOS REIS, um dos grandes benfiquenses, traçou a figura do guarda-redes. Vimo-la arguer-se do terreno e colocar-se bem no alto, em frente de todos os olhos, para não escapar uma qualidade ou um pormenor.

Ribeiro dos Reis, sugestivamente, falou da tarefa do guarda-redes, a quem ninguém perdoa um erro, dos keepers internacionais do Benfica (Francisco Vieira, Amaro e Martins) para colocar devidamente António Martins, o de jogo calmo, atento e sóbrio. Jogando só para a equipa!

MARTINS defendeu pela última vez as redes do Benfica. O Sporting não o colocou em dificuldades, numa atitude cavalheiresca... À meia hora do jogo, Martins disse o seu último adeus, recebendo os últimos abraços e aplausos. Assim findou uma carreira desportiva, mas continua a viver, felizmente, um grande desportista.

O «BASE-BALL»

desporto especificamente americano
conseguirá implantar-se em França?

Artigo inédito de Pierre Lorme

Toda a gente conhece o enorme prestígio do «base-ball» nos Estados Unidos. Nenhum desporto enche os imensos recintos do Novo Mundo com uma multidão mais considerável e mais apaixonada. Em Saint Louis, Boston ou S. Francisco, contam-se por dezenas e dezenas de milhares os espectadores dos grandes encontros «mundiais» de profissionais. E a popularidade dos campeonatos de «base-ball» nada fica a dever à das vedetas de cinema de Hollywood ou dos homens ilustres na política. O «base-ball» é o desporto nacional dos U. S. A., como o «cricket» é o desporto nacional da Grã-Bretanha, ou a pelota o desporto nacional das províncias vascas.

É preciso reconhecer que o «base-ball» é um desporto completo: lançar, bater a bola com o «bat», correr e saltar para apanhar, seguindo os jogadores estão ao «bat» ou ao «champ», constitui o essencial do jogo. Mas que táticas engenhosas, que força, que subtilidade entram no comportamento dum boa equipa no terreno!

Os americanos levam consigo para toda a parte os seus jogos e as suas distrações. Em 1917 como em 1943, o Y. M. C. A., não deixa de organizar as distrações desportivas dos Corpos expedicionários na Europa. Mas enquanto o basquetebol e o voleibol criaram rapidamente raízes no velho Continente, e conquistaram entre as duas guerras uma grande parte da juventude europeia, o «base-ball» foi menos feliz. Será preciso procurar a causa na complexidade das suas regras, na falta de material conveniente ou na necessidade para cada equipa de alinhar nove jogadores, pelo menos, enquanto que o basquete apenas exige cinco? Não se pode afirmar...

Da «Thèque» ao «Soft-ball»

Parece contado que o «base-ball» poderia ter encontrado, facilmente, em França, um terreno favorável. Efectivamente, este jogo assemelha-se imenso a um velho jogo francês, cuja origem data da antiguidade e que ainda há pouco mais de um século era praticado pelas crianças, nas gamas provinciais: a «Thèque» ou «balle au camp».

Depois da primeira guerra mundial, em 1919, a prática do «base-ball» por verdadeiros atletas suscitou o interesse dos desportistas franceses. Uma demonstração organizada pelo Exército americano no Estádio Pershing quando dos jogos inter-aliados atraía numeroso público. E, como, em semelhante matéria, os exemplos dão sempre os seus

frutos, alguns franceses que tinham vivido na América ou no Canadá fundaram o «Ranelagh Base-Ball Club» que teve princípios felizes.

Em 1924, o sardoso Frenzt Reichel, um dos maiores animadores do desporto francês, fundou a Federação Francesa do Base-Ball, da qual ele foi o primeiro presidente.

Depois o «base-ball» continuou a sua carreira. Sem reunir efectivos comparáveis aos do futebol ou do «rugby», as equipas disputavam regularmente, todos os anos, um campeonato de França.

Antes de 1939, nota-se um progresso sensível, devido provavelmente à organização de encontros internacionais, especialmente contra a Bélgica, a Holanda e a Espanha.

Mas neste meio, como noutros, a guerra e as suas consequências aniquilaram os esforços levados a cabo pelos homens. Acabou-se o contacto com a América e, portanto, acabou-se o material. Durante cinco anos a França não pôde receber nem lavas, nem máscaras, nem «bats» necessá-



Uma partida de «base-ball» França-Exército dos Estados Unidos no Estádio Jean Bouin. Ao centro, Emile Rivière, capitão da equipa da França acaba de bater a bola. À esquerda, o «recebedor» da equipa americana. O resultado foi de 5-4 a favor dos americanos

rios à prática do «base-ball»...

Em 1944, a Libertação permitia à França sair do doloroso e sombrio túnel no qual estivera encerrada durante tanto tempo. Como em 1919, voltámos a ver os jovens americanos, nas suas horas de recreio, lançar e bater a bola entre alegres e ruidosas exclamações dos seus camaradas. E como em 1919, a juventude francesa toma interesse por este espectáculo colorido e vivo.

Deste modo, desde 1945, a Federação Francesa de Base-Ball reorganiza os seus efectivos e

prepara encontros. A adopção dum «base-ball» de regras simplificadas, com instalações reduzidas, o «Soft-ball», facilita o recrutamento dos jovens. Foram restadas as relações com a Holanda e a Bélgica. O jogo começa a implantar-se na Checoslováquia. A Federação Francesa filiou-se na International Base-Ball League, cuja sede é, naturalmente, nos Estados Unidos. Além das equipas francesas, das quais as mais conhecidas são o Ranelagh, o Paris Base Ball Club e o Union Sportive du Métro et des Transports, os jogadores franceses encontraram parceiros nos organismos anglo-saxões instalados em França, na Embaixada Americana, Escola Americana, no «New-York Herald», no U. N. N. R. A., na Associated Press, na United Press, no «Time Life», no «Maple Leaf», na Embaixada do Canadá, no French Subway Workers que, todos, têm as suas equipas inscritas nas diversas competições da Federação.

O «base-ball» na conquista da África do Norte

Enfim, coisa curiosa e digna de ser assinalada, o «base-ball» fez progressos na Tunísia. Há se contam 26 equipas jogando regularmente e disputando todos os anos o Campeonato da África do Norte. É preciso ver nisto o resultado dos esforços dum mecenas que é, simultaneamente, um animador apaixonado do «base-ball», o Dr. Kelly, um americano que há muitos anos reside em Tunísia.

Virá o «base-ball» a conhecer na Europa o mesmo sucesso que outros desportos importados da Inglaterra ou da América? Para isso seria preciso ver em acção, nos campos de jogos do velho continente, as grandes equipas de Além-Atlântico.

Mas, a juventude começa desde já a interessar-se; os espectadores são cada vez em maior número, nos encontros disputados em Paris e novas equipas estão em formação. E tudo isto é um excelente presságio... — P. L.

A COMPANHIA COLONIAL DE NAVEGAÇÃO

Assegura o serviço regular
de passageiros e carga
para a África Portuguesa
e Brasil

e de carga
para a América do Norte

Stadium na Província



O grupo do Estrela F. C. da Póvoa, da Póvoa de Santa-rém, formado pelos seguintes jogadores: no primeiro plano, da esquerda para a direita: Piedade, Mendonça, Florentino, Brás e Chico. No segundo plano: Cordeiro 2.º, César, Lino, Colaço, Pronto e Cordeiro 1.º



Grupo do Casa Pia Atlético Clube, de Beja, vencedor de quantos jogos tem disputado. No primeiro plano: dr. Frazão, treinador, Arsénio 1.º, Ramos, Raul, Martins, Joaquim e Soares, suplente; no 2.º plano, Arelindo, Nogueira, Marques, Arsénio 2.º, Maltez, Godinho e Canhão, suplente. Esta equipa é formada por jovens dos 14 aos 17 anos



A equipa do Sport Lisboa e Marinha, filial n.º 33 do S. L. B., e que na Marinha Grande tem produzido excelente obra desportiva



Um dos Centros de Alegria no Trabalho: o Grupo Desportivo Lusense, de Tavira. No primeiro plano, da esquerda para a direita: Germano, Monta, Maximiano, Lourenço e António. No segundo plano: José Correia Pereira, J. Joaquim, director do clube, Correia, treinador José, Rato, Zacarias, Julião, Justino, Rogério e F. Martins, meçagista



Em Sines, um clube tem contribuído para a valorização do futebol: o Sport Lisboa e Sines, formado por Pires, Olímpio, Alexandre, Sabá, Gerrata, Gaerreiro, Amarel, Marvão, Apolinário, Gregório e Peniche



Grupo Desportivo de Lena, de Porto de Mós, vendo-se no 1.º plano, da esquerda para a direita: Baptista, Toneca, Aires, Arlindo e Petinge; no 2.º plano, António, Arménio, Adriano, Afonso, Sidónio, Aécio, Carrasquinha e Xavier

«Stadium», atenta ao movimento desportivo da Província, aos seus anseios e aspirações, publicará todas as fotografias que lhe forem enviadas de grupos, e mesmo de outros aspectos desportivos, na sua missão de propaganda e encorajamento.

O «Rallye» de Miramar



Organizado pelo Parque da Gandara e com o patrocínio técnico do Automóvel Clube de Portugal disputou-se o «Rallye» de Miramar, prova automobilista que despertou grande entusiasmo entre os numerosos concorrentes que à chegada ao Porto tiveram de efectuar várias provas complementares, nas quais a sua pericia teve de ser posta em evidência.

Na primeira categoria foi vencedor Clemente Menezes e nos carros de segunda categoria venceu o excelente corredor António Leitão de Oliveira que assim conquistou a sua quarta e sucessiva vitória.

Os nossos clichês fixam alguns aspectos das provas complementares e a tribuna do juri.

O 41.º aniversário do F. C. Porto



No decorrer da sessão solene comemorativa do 41.º aniversário do F. C. Porto. Em cima: o sr. Governador Civil usando da palavra. Em baixo: Fabião, capitão da equipa de andebol recebe uma medalha

O prestante Clube Nacional de Nataçào, agora em festa, pela passagem do seu 28.º aniversário, organizou na passada quinta-feira um animado festival de nataçào. Focamos o grupo dos concorrentes



Os Campeonatos Nacionais de ATLETISMO da F. N. A. T.

Tres aspectos das provas efectuadas nas SALESIAS:



1 — As equipas da estafeta 4x80 — 1.ª categoria: C. U. F. do Barreiro; Estuaria Artística de Coimbra e Grupo Folclórico «dr. Gonçalo Sampaio», C. A. T. n.º 38.

2 — Os vencedores do salto em altura: da esquerda para a direita; Jorge Martins, da Casa da Moeda; Joaquim Rodrigues, dos Cimentos de Leiria e Alberto Cunha, de Valadas, Ld.ª.

3 — Joaquim Branco, da Vacuum, vencedor dos 1.000 metros.



A
qualidade superior,
a
conservação do motor do seu carro que com o menor esforço
lhe proporcionará a maior segurança,
e a
protecção eficaz do material e sua impecável conservação,

**são as três garantias
que fazem da lubrificação**

Sonap

a lubrificação que se impõe!

Sociedade Nacional de Petróleos

**Gazolina
Petróleo
Gazoil
Lubrificantes**

**Massas consistentes
Vazelinas
Parafinas
Asfaltos**

**Rua D. Pedro V, 80
LISBOA**

**Rua de Santo António, 45
PORTO**

**Rua da Sofia
COIMBRA**

Surpreende a portugueses que se interessam pela Volta o facto de aparecerem nos tempos uns segundos a menos ou a mais que só por si chegam para classificar melhor ou pior as equipas conorrentes... Por exemplo: Ferjando Moreira ganhou a etapa de Evora com cerca de 50 metros de vantagem, mas foi-lhe contado o mesmo tempo. Entretanto, no mesmo dia, a equipa do Sporting classificou-se em 2.º lugar com um segundo de vantagem. Não percebemos lá muito bem este desnível... ou este rigorismo! Cincoenta metros sem tempos e um segundo em equipas — é forte...

Roda-a-roda seria de aceitar o mesmo tempo: Agora, com alguns metros, parece-nos justo revêr o caso, hoje é lesado Moreira: Amanhã serão outros.

Há semanas falámos nesta página de Miguel Siska, o desafortunado guarda-redes que ao F. C. do Porto deu tardes de verdadeira glória. Os campeões portugueses devem a Siska grandes vitórias. Recordam-se algumas das suas tardes famosas: em Viana do Castelo, contra o Sporting; em Santarém, contra o Belenenses; em Lisboa, contra várias equipas nacionais e estrangeiras e contra o grupo representativo da A. F. L., em Coimbra, com tanta... .

Siska impressionava todos os adversários. Todos os clubes o viam com respeito... Depois de jogador, o grande Siska treinou o F. C. do Porto em juniores e também a sua equipa principal. Siska, que veio de Budapeste quando tinha 18 anos, nunca mais voltando à sua pátria, revelou-se tão dedicado ao F. C. P. que despresou muitos convites, vindos do Brasil, de Espanha e até de clubes nacionais.

Actualmente, é grave o seu estado, como já dissemos. Desenhase, felizmente, um movimento de solidariedade, — e o primeiro «grito» saiu desta página da nossa Revista. Colaboraremos, se for preciso, com quem se lembrar do simpático Miguel Siska.

Recordando ainda a vida desportiva do grande jogador, vamos encontra-lo numa época de guarda-redes famosos. Em Espanha, a celebridade de Ricardo Zamora era grande. O húngaro Platko, então no Barcelona, era um rival de respeito. Em Portugal, António Roquete, defensiva as redes nacionais com muita segurança, impondo-se igualmente como olímpico em Amsterdão. O húngaro Szabo e o austríaco Hidden e tantos outros, eram recordados pela crítica de todo o Mundo...

Entretanto, de uma vez, na Corunha, os espanhóis levaram Siska ao colo, após o jogo e disseram-lhe «que Zamora não era superior». Em Santarém, vimos nós, depois de 2 horas de jogo vivis-

DOIS CASOS

O aniversário do F. C. do Porto

Antes de recomeçar, na luta do futebol-competição, comemorou o F. C. P. o seu 41.º aniversário. Uma festa e sessão solene no Coliseu do Porto arrumaram o assunto.

Um dos números do programa organizado por uma Comissão de associados, incluiu uma festa de homenagem aos campeões nacionais de andebol, que receberam medalhas, e tal decisão demonstra bem a simpatia que o F. C. do Porto tem pelos seus valorosos atletas daquela modalidade.

Na verdade, desde Fabião ao mais novo praticante, sente-se que há verdadeira chama clubista nos rapazes, eles mesmo enfrentando dificuldades, sejam de que natureza for. Só assim poderia o F. C. P. vangloriar-se de conquistar 8 campeonatos de Portugal em 9 anos de prova, e tendo ainda motivos para afirmar que apenas falhou um por via de causas estranhas, provocadas precisamente por elementos da sua própria terra...

O público que assistiu à festa do F. C. do Porto teve também ocasião de aplaudir publicamente, e com entusiasmo, os triunfadores absolutos do andebol português. Depois — assistiu a uma festa que lhe lembrava a existência de uma colectividade sem instalações...

Naturalmente, pareceu «impossível» a quantos admiram o clube o «milagre» de revelar ali, na vastíssima sala do Coliseu do Porto, uma unidade forte, — quando aos sócios não podem oferecer-se, afinal, o mínimo de regalias!

É por certo o primeiro e único clube português em semelhantes condições. Para preparar atletas no Campo da Constituição (?); apresentar-se em quase todas as provas e campeonatos com os seus rapazes mais ou menos aptos; e possuir ainda o maior número de massa associativa do Norte — é preciso ter força!

Um padre desportista

Tivemos já oportunidade, há uns tempos, de fazer uma agradável referência ao reverendo Marcelino da Conceição, reitor da Trindade e professor distinto de vários colégios portugueses,

O padre Marcelino da Conceição, que no Coliseu foi o orador oficial do F. C. do Porto, é um apaixonado dos desportos e nomeadamente do futebol. Onde estiver o F. C. P., se isso lhe é possível, está o reverendo Marcelino da Conceição. A primeira colectividade do Norte já o escolheu para os seus corpos gerentes e já se fez representar por ele, salvo erro, numas assembleias gerais da A. F. do Porto.

É também agradável conversar alguns momentos sobre desporto com o padre Marcelino. Ainda há pouco tivemos essa oportunidade, em Paredes, terra que adora e de onde veio Araújo para o campeão português. O padre Marcelino, alma bondosa, esmolêr como poucos, produziu então interessantes considerações sobre o futebol português e mostrou-se conhecedor absoluto do seu valor e da forma de todos os jogadores.

Alguns, foram seus alunos. Gomes da Costa, por exemplo, quando frequentou o Colégio Almeida Garrett, ouviu vários conselhos do padre-professor Marcelino da Conceição. Há mesmo quem afirme que muitas provas de desportivismo reveladas pelo simpático Gomes da Costa foram ensinadas pelo reverendo Marcelino nos seus soliloquios de mentor de espiritos e de desportista convicto.

Felizmente, o número de padres desportistas é numeroso. O desporto está sendo praticado por gente de todas as religiões, e assim o compreende o reverendo Marcelino, que agora enfrentou mais uma vez o grande público do seu clube, falando-lhe e convencendo-o de que estes 41 anos de vida foram vencidos à custa de muitas conseiras.

MOSAICOS

nortenhos...

simo, entre o Porto e o Belenenses, abraçarem-no com verdadeiro entusiasmo os jogadores olímpicos Augusto Silva, César de Matos e o falecido «Pepe». E embora existindo um homem que se chamava Roquete, pensou-se muitas vezes na possibilidade de Siska se naturalizar português. Era inimitável este jogador a quem a Imprensa de Lisboa chamou... «o meio team do F. C. do Porto».

Para quem possa julgar que o F. C. do Porto esqueceu este grande servidor, podemos dizer que o primeiro clube do Norte dá a Siska 1.000 escudos mensais. De resto, desde que Miguel Siska abandonou o futebol, foi colocado na secretaria do clube com esse vencimento, que religiosamente lhe tem sido pago.

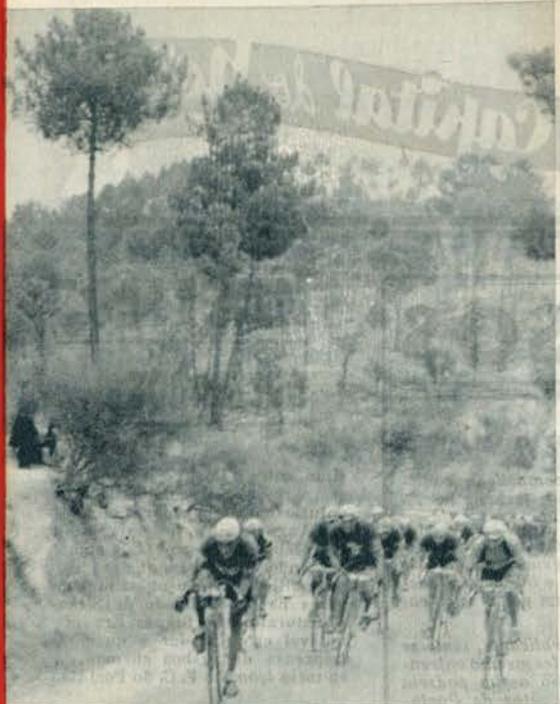
A doença gravíssima de Siska, porém, exige outros sacrifícios monetários. Daí a campanha a favor do simpático húngaro tripeirizado.

Os portugueses foram nadar... a Oliveira de Azeméis. Pronto. Já é alguma coisa. Ao menos, como por cá se não levam estas coisas a sério, visto que apenas se organizam provas de uso caseiro, — que se faça natação com a presença de praticantes dos clubes do Porto, — seja onde for.

Teremos a Taça «Associação de Futebol do Porto» em vez de «campeonato de A. F. P.» Bem dissemos oportunamente que ao F. C. P., por exemplo, não agradava o «regional». Lembramos, então, uma prova de 5 domingos, e ela aí está, mais ou menos nos mesmos moldes: jogos em campos neutros. Depois, o F. C. do Porto com a selecção de todos os outros da mesma Divisão ou «Taça»; mais dois domingos para o F. C. do Porto, e outros dois para os restantes clubes — ausentando-se o campeão para fora da cidade, a fim de cumprir vários contractos.

A desistência de Driss, das que não se esperavam, causou certo desalento nos acadêmistas, como é natural. O conjunto alvi-negro, com Driss e Djillali, e ainda contando com alguns valores mais, poderia comportar-se de modo agradável.

Assinem a STADIUM



Os corredores seguem denodadamente no percurso entre a Régua e o Porto. Nesta etapa o portuense Jerónimo Souto conseguiu um avanço notável, mas não o soube manter, tendo cortado a meta, em primeiro lugar, no Estádio do Lima, o benfiquista Guilherme Jacinto



Guilherme Jacinto corta a meta em primeiro lugar na pista do Lima

A' esquerda: Jerónimo Souto, na sua fuga vertiginosa a caminho do Porto. A' direita: o mesmo corredor à partida da Régua



A entrada do corredor portuense Fernando Moreira na pista do Lima

Mais de vinte mil pessoas acorreram à pista do Lima para saudar os corredores da Volta com verdadeiro entusiasmo. Na fotografia vê-se um grupo de corredores entrando no Estádio